

Congresso de
**Medicina
Veterinária**

27, 28 e 29 de outubro de 2021

**ANAIS DO
V CONGRESSO DE MEDICINA
VETERINÁRIA DO UNILAVRAS**

Lavras



ISSN 2675-6668

**2021**

Congresso de
**Medicina
Veterinária**

27, 28 e 29 de outubro de 2021**Comissão Organizadora**

Adriana Brasil Ferreira Pinto

Bruna Resende Chaves

Claudia Dias Monteiro Toma

Claudine Botelho Abreu

Fernando Yoiti Kitamura Kawamoto

Gabriela Pereira Souza

Luthesco Haddad Lima Chalfun

Matheus Camargos de Britto Rosa

Nelson Henrique de Almeida Curi

Sergio Augusto de Sousa Campos

Sergio Novais de Melo

Thiago Pasqua Narciso

RCPH



Revista Científica
ProHomine





Congresso de
**Medicina
Veterinária**
27, 28 e 29 de outubro de 2021

Comissão Científica

Ivam Moreira de Oliveira Junior
Sérgio Augusto de Sousa Campos
Claudine Botelho Abreu
Claudia Dias de Monteiro Toma
Matheus Camargos de Britto Rosa
Fernando Yoiti Kitamura Kawamoto
Gabriela Pereira Souza
Bruna Resende Chaves
Luthesco Haddad Lima Chalfun
Mariana de Resende Coelho
Nelson Henrique de Almeida Curi
Sérgio Novais de Melo

Avaliadores

Adriana Silva Albuquerque
André Carvalho Andrade
Débora Gouveia Vilela Santos
Fernanda Rezende Souza
Gabriela Pereira Souza
Laís Maria Viana
Larissa Teixeira Pacheco
Róger Dinali Ferreira

SUMÁRIO

HEMIVÉRTEBRA CERVICAL ASSOCIADA À COMPRESSÃO MEDULAR EM UM CAPRINO - RELATO DE CASO	8
OTITE PARASITÁRIA BOVINA - RELATO DE CASO	9
HIDROCEFALIA CONGÊNITA EM BEZERRA LEITEIRA - RELATO DE CASO.....	10
SURTO DE DOENÇA RESPIRATÓRIA BOVINA EM REBANHO LEITEIRO – RELATO DE CASO	11
MASTITE CLÍNICA EM OVELHA – RELATO DE CASO	12
COLHEITA DE LÍQUIDO CEFALORRAQUIDIANO (LCR) REALIZADA EM BOVINO EM ESTAÇÃO – RELATO DE CASO	13
FLEBITE EM VEIA EPIGÁSTRICA CAUDAL SUPERFICIAL EM VACA LEITEIRA - RELATO DE CASO	14
ARTRITE SÉPTICA INTERFALANGEANA PROXIMAL EM BOVINO APÓS RESSECÇÃO CIRÚRGICA DE PARADÍGITO - RELATO DE CASO.....	15
ULTRASSONOGRRAFIA PULMONAR COMO MÉTODO DE DIAGNÓSTICO DE DOENÇA RESPIRATÓRIA CLÍNICA EM BEZERRA LEITEIRA - RELATO DE CASO	16
ARTRODESE CIRÚRGICA EM POTRO SECUNDÁRIO TRAUMA	18
TRAQUEOSTOMIA PERMANENTE EM EQUINO - RELATO DE CASO.....	19
PERFUSÃO REGIONAL INTRAVENOSA E ANTIBIOTICOTERAPIA SISTÊMICA NO TRATAMENTO DE ARTRITE SÉPTICA EM VACA TABAPUÃ.....	20
CISTITE ASCENDENTE EM BOVINO – RELATO DE CASO	21
INDUÇÃO A LACTAÇÃO EM NOVILHA - RELATO DE CASO	22
MICOTOXICOSE EM BOVINO - RELATO DE CASO	23
INTOXICAÇÃO EM BEZERRA LEITEIRA DECORRENTE DE DOSE INADEQUADA DE ECTOPARASITICIDA-RELATO DE CASO	24
BABESIOSE EM BOVINO – RELATO DE CASO	25
RUPTURA DO MÚSCULO GASTROCNÊMIO EM POTRA COM SEPSE NEONATAL - RELATO DE CASO	26
FIXAÇÃO EXTERNA COM CERCLAGEM INTERDENTAL PARA REDUÇÃO	27
ÚLCERA DE CórNEA EM ÉGUA QUARTO DE MILHA - RELATO DE CASO	28
DESLOCAMENTO DORSAL DE PALATO MOLE EM EQUINO SECUNDÁRIO A MIELOENCEFALITE PROTOZOÁRIA EQUINA - RELATO DE CASO	29
INTUSSUSCEPÇÃO ILEOCECOCÓLICA EM EQUINO MANGA-LARGA MARCHADOR	30
EXAME ULTRASSONOGRÁFICO E RADIOGRÁFICO PARA DIAGNÓSTICO DE HÉRNIA ABDOMINAL LATERAL EM UM CÃO - RELATO DE CASO.....	31
ULTRASSONOGRRAFIA GESTACIONAL DE CHINCHILLA LANIGERA	32

EXAME COMPLEMENTAR DE ULTRASSONOGRAFIA EM SHUNT PORTOSSISTÊMICO - RELATO DE CASO	33
EXAME COMPLEMENTAR DE TOMOGRAFIA COMPUTADORIZADA EM SHUNT PORTOSSISTÊMICO - RELATO DE CASO	34
EXAME COMPLEMENTAR DE RADIOGRAFIA EM SHUNT PORTOSSISTÊMICO - RELATO DE CASO	35
ASPECTOS CLÍNICO-PATOLÓGICOS E EPIDEMIOLÓGICOS DE ESPOROTRICOSE EM FELINOS	36
ADENOMA DE RETE OVÁRICA EM CADELA	37
LEIOMIOMA VAGINAL EM CADELA	38
MASTOCITOMA EM CADELA	39
POLITRAUMATISMO EM FELINO	40
CARBÚNCULO SINTOMÁTICO EM BEZERRA	41
TUMOR VENÉREO TRANSMISSÍVEL CANINO.....	42
BIURATO DE AMÔNIO NA URINA DE UM CÃO COM SHUNT PORTOSSISTÊMICO – RELATO DE CASO	43
TRAUMA CRANIOENCEFÁLICO EM FELINO - RELATO DE CASO.....	44
CORREÇÃO DE OTOHEMATOMA COM O USO DE BOTÕES EM CÃO – RELATO DE CASO	45
FRATURA COMINUTIVA DE ÚMERO CANINO TRATADO COM FIXADOR ESQUELÉTICO EXTERNO CONECTADO AO PINO INTRAMEDULAR “TIE-IN” – RELATO DE CASO	46
URETEROCOLOANASTOMOSE EM CÃO COM CARCINOMA DE CÉLULAS TRANSICIONAIS (CCT) DE BEXIGA - RELATO DE CASO.....	47
EFICÁCIA DO TRATAMENTO CLÍNICO EM CADELA COM SHUNT PORTOSSISTÊMICO ADQUIRIDO - RELATO DE CASO	48
CILINDROS HIALINOS COMO DIAGNÓSTICO PRECOCE DE DOENÇA RENAL EM UM CÃO - RELATO DE CASO	49
BLOQUEIO ATRIOVENTRICULAR DE PRIMEIRO GRAU FUNCIONAL EM CÃO - RELATO DE DOIS CASOS	50
ARTRODESE PARA CORREÇÃO DE LUXAÇÃO DA ARTICULAÇÃO TARSOMETATÁRSICA EM CÃO - RELATO DE CASO	51
LÚPUS EM CÃO - RELATO DE CASO.....	52
DISCOPATIA POR EXTRUSÃO EM CÃO - RELATO DE CASO	53
ESPOROTRICOSE EM FELINO DOMÉSTICO – RELATO DE CASO	54
RUPTURA DE SACO AÉREO EM PERIQUITO AUSTRALIANO <i>MELOPSITTACUS UNDULATUS</i> - RELATO DE CASO.....	55
ARRITMIAS VENTRICULARES ASSOCIADAS A DOR EM CÃO COM LUXAÇÃO COXOFEMORAL – RELATO DE CASO	56
INTOXICAÇÃO POR PARACETAMOL EM FELINO.....	57

AVALIAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DAS INTOXICAÇÕES POR IVERMECTINA EM FELINOS NOS ÚLTIMOS 10 ANOS..... 58

AMPUTAÇÃO PARCIAL DE MEMBRO TORÁCICO EM CÃO COM MEMBRO CONTRALATERAL AMPUTADO - RELATO DE CASO 59

PROSTATITE E TUMOR VENÉREO TRANSMISSÍVEL EM CÃO ERRANTE - RELATO DE CASO 60

DISPLASIA RENAL EM CÃO DA RAÇA SHIH TZU - RELATO DE CASO 61

ANÁLISE DA QUALIDADE MICROBIOLÓGICA DO QUEIJO MINAS ARTESANAL PRODUZIDO A PARTIR DE LEITE CRU EM UM ESTABELECIMENTO DO MUNICÍPIO DE LAVRAS-MG 62

HEMIVÉRTEBRA CERVICAL ASSOCIADA À COMPRESSÃO MEDULAR EM UM CAPRINO - RELATO DE CASO

Ana Luisa Mendes dos Santos¹, Larissa Florêncio de Assis¹, Mariana de Oliveira Veronez¹, Flademir Wouters¹, Hugo Shisei Toma¹, Adriana de Souza Coutinho¹

¹Departamento de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Lavras UFLA, Lavras, MG, Brasil.

*Autora para correspondência – E-mail: ana_lu.mendes@hotmail.com

Alterações vertebrais congênitas são raras em caprinos. Dentre elas, a hemivértebra pode ser definida como uma falha na formação da vértebra, tendo um formato triangular ou cuneiforme. Esta alteração gera uma instabilidade vertebral, que predispõe à ocorrência de deslocamento vertebral e estenose da medula espinhal. Foi atendido no Hospital Veterinário de Grandes Animais da UFLA um caprino, raça Saanen, com 45 dias de vida e queixa de decúbito permanente. Ao exame físico, o animal encontrava-se em decúbito lateral, apresentava parâmetros vitais normais, porém, com espasticidade, perda da sensibilidade e propriocepção de todos os membros. No exame radiográfico e mielografia, constatou-se acentuada compressão medular entre C2 e C3, com desvio dorsal da vértebra C3. Foi instituído tratamento conservativo com dexametasona 0,2 mg/kg, uma vez ao dia (SID), por via intramuscular (IM) por 3 dias, tiamina (vitamina B1) na dose de 10 mg/kg, duas vezes ao dia, por via IM, por 2 dias, seguido de uma vez ao dia, por mais 3 dias; vitamina B12, 500 µg/kg, SID, IM, por 3 dias e terapia de suporte. Após três dias de tratamento, sem remissão dos sinais clínicos, o paciente veio ao óbito, durante o procedimento anestésico para realização da segunda mielografia. À necropsia, foi constatada uma hemivértebra em C3, com ruptura da capsula articular na altura da lesão. Anomalias vertebrais congênitas não apresentam resultado satisfatório com tratamento conservativo. Cirurgias corretivas são relatadas em outras espécies, porém, para animais de produção é um recurso pouco viável. Nesses casos, o mais recomendado é a eutanásia, visto a incompatibilidade dos sinais clínicos com a vida. É indicado controle reprodutivo e genealógico dos rebanhos, a fim de prevenir cruzamentos consanguíneos que possam predispor os animais a desenvolverem anomalias congênitas.

Palavras-chave: anomalia congênita, radiografia, mielografia, mielopatia.

OTITE PARASITÁRIA BOVINA - RELATO DE CASO

André Luis Mendes Azevedo Carvalho¹, Luísa Holanda Andrade Rodrigues², José da Páscoa Nascimento Neto², Natália Botega Pedroso², Ana Carolina Chalfun de Sant'Ana³, Luthesco Haddad Lima Chalfun^{1*}

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias da Universidade Federal de Lavras-UFLA, Lavras, MG, Brasil

² Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras- UNILAVRAS, Lavras, MG, Brasil

³ Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Lavras, Lavras, MG, Brasil

*Autor para correspondência – E-mail: luthescochalfun@unilavras.edu.br

A Otite Parasitária Bovina (OTB), é causada principalmente por nematóides rhabditiformes e acomete principalmente as raças zebuínas. Isso ocorre devido à conformação do pavilhão auricular que nessas raças é longo e canulado, proporcionando aos parasitas um ambiente quente e úmido que favorece a instalação e proliferação desses agentes. Infecção bacteriana e fúngica são comuns na forma secundária. Essa afecção leva a prejuízos econômicos relacionados ao gasto com medicamentos, redução na produção, descarte dos animais e até mesmo óbito. Objetiva-se descrever nesse trabalho um caso de OTB. Foi atendido, um bovino, macho, raça Gir, de aproximadamente 3 anos de vida e 380 quilos de peso vivo (PV), apresentando evidente incômodo no ouvido, balançar constante da cabeça, sangramento leve, secreção purulenta e odor fétido. No exame físico, foram observadas lesões características de otite nos dois ouvidos, estando um em estágio mais avançado. O tratamento realizado consistiu em lavagem do conduto auditivo com 100g de sulfato de cobre 2% diluído em 500ml de solução fisiológica, seguido de aplicação tópica de uma bisnaga antimicrobiana intramamária (Mastijet Forte®, MSD) uma vez ao dia por 7 dias e injeção subcutânea de ivermectina 1% (Ranger®, Vallé), 200mcg/kg/PV, dose única. Ao fim do tratamento os sinais clínicos desapareceram e as lesões se mostravam com boa recuperação. Diversas opções de tratamento são encontradas na literatura, contudo a aplicação tópica de antibiótico intramamário é pouco citada. É uma opção interessante, já que este é um medicamento comum em fazendas leiteiras e combate possíveis infecções bacterianas secundárias sem a necessidade de tratamento sistêmico. Recidivas são frequentemente descritas nos casos de otite, portanto é importante a adoção de medidas preventivas. O combate a moscas, exame e quarentena de animais recém adquiridos, descarte de animais com otite crônica auxiliam na prevenção e eliminação da doença na propriedade. Conclui-se que o tratamento com aplicação tópica de antibiótico é uma alternativa eficaz nos casos de otite em bovinos e que um bom exame físico é importante na detecção e tratamento precoce da doença, reduzindo custos e proporcionando um melhor prognóstico.

Palavras-chave: Gir, Leite, Ouvido, Parasitas, Zebuíno.

HIDROCEFALIA CONGÊNITA EM BEZERRA LEITEIRA - RELATO DE CASO

André Luis Mendes Azevedo Carvalho¹, José da Páscoa Nascimento Neto², Natália Botega Pedroso², Ana Carolina Chalfun de Sant'Ana³, Bruno Gonzales⁴, Luthesco Haddad Lima Chalfun^{1*}

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias da Universidade Federal de Lavras-UFLA, Lavras, MG, Brasil

² Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras- UNILAVRAS, Lavras, MG, Brasil

³ Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Lavras, Lavras, MG, Brasil

⁴ Médico veterinário responsável. Fazenda São Jorge. São Pedro, SP, Brasil

*Autor para correspondência – E-mail: luthescochalfun@unilavras.edu.br

Anomalias congênitas representam irregularidades estruturais ou funcionais que podem causar sérios danos aos animais, como morte neonatal, aborto e malformações, dentre estas a hidrocefalia. A maioria dos casos ocorre esporadicamente. A hidrocefalia pode ser adquirida, vinculada a traumatismos ou congênita, relacionada a fatores teratogênicos ou genéticos, tumores congênitos e infecção pelo vírus da diarreia viral bovina (BVDV), alterando a circulação e absorção do líquido cefalorraquidiano. Objetiva-se com esse trabalho relatar um caso de hidrocefalia congênita em bezerra neonata. Foi atendido em uma propriedade leiteira, uma bezerra holandesa preta e branca, recém-nascida, proveniente de parto distócico e apresentando aumento de volume craniano. Após o nascimento, a paciente não apresentava capacidade de levantar-se e manter-se em estação, e o leite era fornecido através de sonda. Após três dias, a bezerra manifestou sinal clínico de artrogripose. No quinto dia, apresentou timpanismo espumoso, provavelmente decorrente do decúbito prolongado. Foi solucionado administrando óleo vegetal via oral, e retirando o ar acumulado no rúmen através de trocar e sonda orogástrica. No sétimo dia de vida, a bezerra foi capaz de manter-se em estação por um curto período de tempo, porém manifestava sinais clínicos de incoordenação. Durante 28 dias, manteve a alimentação constante e aparentemente clinicamente saudável. Contudo, aos 35 dias de idade, o animal foi a óbito. O proprietário optou por não realizar a necropsia. O diagnóstico de hidrocefalia congênita foi baseado em sinais clínicos, principalmente o aumento de volume cranial e artrogripose, frequente nesse tipo de malformação, e ausência de outras manifestações que pudessem se remeter a outro acometimento do sistema nervoso. Com base nas informações apresentadas, a etiologia foi correlacionada a fatores tumorais congênitos e/ou anomalias esqueléticas. A propriedade detém de rigoroso controle sanitário abrangendo as principais doenças reprodutivas, porém a vacinação não garante a não ocorrência de algum caso esporádico da doença. Intoxicação por plantas e consanguinidade foram descartados devido aos animais serem alojados em sistema *Free Stall* e a propriedade deter de controle reprodutivo rígido relacionado a grupamento genético, respectivamente. É importante manter o controle sanitário do rebanho e realizar a necropsia de todos os animais que vierem à óbito.

Palavras-chave: Anomalia, Artrogripose, Bezerra, Incoordenação, Malformação.

SURTO DE DOENÇA RESPIRATÓRIA BOVINA EM REBANHO LEITEIRO – RELATO DE CASO

Gabriella Henriques de Faria Pinto¹, Marco Antônio Neiva Pereira¹, José da Páscoa Nascimento Neto¹, André Luis Mendes Azevedo Carvalho², Luthesco Haddad Lima Chalfun^{1*}

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras - UNILAVRAS, Lavras, MG, Brasil

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias da Universidade Federal de Lavras-UFLA, Lavras, MG, Brasil

*Autor para correspondência – E-mail: luthescochalfun@unilavras.edu.br

A doença respiratória bovina (DRB) pode ser causada por diversos agentes patogênicos, como bactérias e vírus. Vários fatores podem facilitar a ocorrência desta afecção, como: alterações da dieta, manejo inadequado, mudanças de ambiente e outros fatores que causem estresse e, conseqüentemente, afetam a resposta imunológica do animal. O desequilíbrio da tríade epidemiológica é considerado o principal determinante da ocorrência da doença, pois pode predispor a entrada de microrganismos patogênicos no organismo e causar diversas conseqüências a saúde e produção dos animais. Objetiva-se relatar a ocorrência de um surto de doença respiratória bovina em vacas mantidas em sistema Free-Stall. Quinze vacas holandesas lactantes pertencentes a um rebanho de trinta e cinco animais apresentaram tosse e corrimento nasal frequentes. Durante o exame físico, foi observado inapetência, desconforto respiratório, com característica de respiração abdominal, predominantemente, crepitação pulmonar na auscultação e redução na produção de leite. O proprietário relatou que tinha alterado recentemente a dieta dos animais, considerando que um dos ingredientes estava em falta, com isso, houve queda brusca na ingestão de matéria seca (IMS) e produção de leite. Além disso, o surto ocorreu no inverno onde havia alta variação de temperatura do ambiente, sendo que, durante o dia a temperatura variava entre 20°C a 25°C e de madrugada variava em torno de 2°C. O diagnóstico de DRB foi baseado em sinais clínicos e aspectos epidemiológicos, como alteração na alimentação e fatores climáticos. Como tratamento, foram prescritas duas aplicações intramusculares (IM) de florfenicol 20 mg/Kg de peso vivo (PV) (Roflin®, Agener) com intervalo de 48 horas e flunixinina meglumina 1,2 mg/Kg de PV (Desflan®, Ouro Fino) IM, SID, durante cinco dias consecutivos. Como forma de prevenção deve-se reduzir fatores estressantes, como realizar manejo adaptativo caso houvesse necessidade de alterar a dieta. A DRB impacta diretamente no retorno financeiro da fazenda, causando inúmeros problemas zootécnicos, por exemplo: redução de IMS e produção de leite, ocasionando estresse e diminuição da imunidade, influenciando a ocorrência de infecções secundárias. Sendo assim, a profilaxia, o diagnóstico precoce e o tratamento ideal são de extrema importância para evitar conseqüências a saúde dos animais.

Palavras-chave: Bovino, Clínica, Dieta, Doença Respiratória, Imunidade.

MASTITE CLÍNICA EM OVELHA – RELATO DE CASO

Isabella Isis Rodrigues Viana¹, Larissa Almeida Oliveira¹, Ana Luísa Mendes dos Santos¹, Larissa Florêncio de Assis¹, Hugo Shisei Toma², Adriana de Souza Coutinho²

¹ Discente do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde, Área de Clínica Médica de Grandes Animais, Universidade Federal de Lavras – UFLA, Lavras-MG, Brasil.

² Docente Setor de Clínica Médica de Grandes Animais – Ruminantes, Universidade Federal de Lavras – UFLA, Lavras-MG, Brasil.

*Autora para correspondência – E-mail: isabellaisis97@gmail.com

Mastite é a inflamação dos tecidos da glândula mamária e uma das principais causas de prejuízos na produção de ovinos no Brasil. Afeta a qualidade do leite, o desempenho e desenvolvimento dos cordeiros, reduz o consumo nas ovelhas e leva ao descarte precoce. Há quadros com perda funcional de um dos antímeros do úbere e até óbito devido à mastite gangrenosa. O número de cordeiros nascidos e desenvolvidos com sucesso é um dos principais pilares da produção ovina, existindo um grande prejuízo quando existem fatores que interfiram negativamente neste processo. Os sinais clínicos nas fêmeas acometidas são apatia, anorexia, úbere edemaciado, firme e doloroso, além de alterações macroscópicas no leite, como presença de grumos e pús. Este relato de caso descreve a mastite clínica em uma ovelha recém-parida. Foi atendido no setor de Clínica Médica de Grandes Animais uma ovelha, raça Santa Inês, adulta, 28 dias de parida, com queixa principal de que o animal havia reduzido o consumo e estava com o teto ferido. Na ordenha, a consistência do leite era pastosa, com grumos e a ovelha não deixava os borregos se aproximarem para mamar devido a dor. Na avaliação inicial, o antímero esquerdo do úbere estava edemaciado com consistência firme e com aumento de temperatura local. A ferida no teto começou a ser tratada anteriormente ao atendimento veterinário, não apresentava secreção ou pus na inspeção. O tratamento preconizado consistiu em compressa quente, seguidas de fria, ao menos duas vezes ao dia sobre o úbere, flunixin meglumine (1,1mg/kg, via IM, por dois dias) e ceftiofur (2,2 mg/kg, via IM, por sete dias), além da aplicação intramamaria de gentamicina (mastifin vaca seca ®), uma vez ao dia, após ordenha do leite, por sete dias; e curativo no teto acometido com pomada com antimicrobiano (vetaglos®), além de mamada controlada. Ao sétimo dia de tratamento, o animal ainda apresentava discreto edema em úbere, optando-se então por estender o protocolo clínico por mais três dias. O atendimento clínico precoce e a plena recuperação do animal são de extrema importância para contenção de danos e maiores perdas econômicas ao setor.

Palavras-chave: infecção, ovinos, leite, glândula mamária.

COLHEITA DE LÍQUIDO CEFALORRAQUIDIANO (LCR) REALIZADA EM BOVINO EM ESTAÇÃO – RELATO DE CASO

Isabella Marianna Gimenez Dias^{1*}, Ana Luisa Mendes², Isabela Isis Viana², Larissa Almeida de Oliveira², Adriana de Souza Coutinho³, Hugo Shisei Toma³

¹Discente da Graduação em Medicina Veterinária, Universidade Federal de Lavras - UFLA, Lavras-MG, Brasil

²Residente em Clínica Médica de Grandes Animais, Universidade Federal de Lavras - UFLA, Lavras-MG, Brasil

³Docente do Setor de Clínica Médica de Grandes Animais, Universidade Federal de Lavras - UFLA, Lavras-MG, Brasil

*Autora para correspondência – E-mail: isabella.dias1@estudante.ufla.br

Na bovinocultura, os distúrbios caracterizados por sintomatologia nervosa possuem grandes implicações na sanidade animal e na saúde pública. Além disso, são responsáveis por importantes prejuízos econômicos dentro do setor, que é de grande destaque dentro do agronegócio nacional. O diagnóstico dessas doenças, muitas vezes, pode ser oneroso e de difícil acesso por requerer equipamentos específicos e por demandar maior tempo. Uma boa alternativa para avaliação da higidez do sistema nervoso central (SNC) é a colheita e análise do líquido cefalorraquidiano (LCR). Este líquido é secretado pelo plexo coroide e pelo revestimento ependimário dos ventrículos e do canal central e é responsável por nutrir e proteger o SNC. A punção do LCR é realizada com o objetivo de refletir situações fisiológicas e patológicas deste sistema, já que, a barreira hematoencefálica permite trocas de constituintes entre essas duas partes. No HOVET UFLA, foi realizado, pela equipe de clínica médica de grandes animais, o atendimento de um bovino da raça holandesa, sexo feminino e idade de 5 anos, realizando-se a punção do LCR com o animal em estação, executando-se prévia tricotomia e assepsia, com clorexidine degermante 2% seguida de clorexidine alcoólico 0,5% removendo o excesso com gaze estéril, da região lombo-sacra (sexta vértebra lombar – L6 e primeira vértebra sacral – S1), a fim de se minimizar possíveis contaminações. As amostras foram obtidas utilizando-se agulhas para anestesia raquidiana spinal 22Gx3, de 80mm de comprimento e 1,8mm de espessura com mandril esmerilhado. Foi colhido cerca de 6,0mL, divididos em três tubos, onde sucedeu-se a análise do terceiro tubo. As amostras foram encaminhadas ao laboratório de patologia clínica, observando-se o seguinte resultado: Incolor, aspecto límpido, densidade 1005, pH 9,0, coagulação positiva, hemoglobina livre +, proteína 0 e glicose 50mg/dL. A interpretação do resultado da análise do LCR, indica que não há nenhuma alteração dos parâmetros fisiológicos, averiguando-se, assim, a integridade do SNC. A análise física e bioquímica do LCR associadas ao histórico do animal e exame físico é uma ferramenta de grande valor na avaliação da higidez do SNC e no diagnóstico e prognóstico das neuropatias em bovinos, auxiliando no direcionamento do tratamento das mesmas.

Palavras-chave: líquido, punção, neuropatia, sistema nervoso central

FLEBITE EM VEIA EPIGÁSTRICA CAUDAL SUPERFICIAL EM VACA LEITEIRA - RELATO DE CASO

José da Páscoa Nascimento Neto¹, Natália Botega Pedroso¹, Luísa Holanda Andrade Rodrigues¹, André Luis Mendes Azevedo Carvalho², Ana Carolina Chalfun de Sant'Ana³, Luthesco Haddad Lima Chalfun^{1*}

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras - UNILAVRAS, Lavras, MG, Brasil

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias da Universidade Federal de Lavras-UFLA, Lavras, MG, Brasil

³ Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Lavras, Lavras, MG, Brasil

*Autor para correspondência – E-mail: luthescochalfun@unilavras.edu.br

A flebite pode ser a origem de trombos em veias e causar obstrução local. A liberação desses trombos resulta em êmbolos que podem se alojar nos pulmões e fígado. Pode ser causada por infecção hematógena ou de tecidos adjacentes ou injeção de substâncias irritantes. Propriedades leiteiras com animais zebuínos, comumente realizam aplicação de ocitocina exógena endovenosa (EV) para estimular a ejeção do leite na ausência do bezerro. Muitas vezes as agulhas e seringas são reutilizadas nesse processo. Esses fômites, quando contaminados podem permitir a inoculação de bactérias na corrente sanguínea e desenvolvimento de lesões vasculares. Objetiva-se relatar um caso de flebite em veia epigástrica caudal superficial de vaca leiteira, decorrente de aplicação inadequada de ocitocina. Uma vaca girolando 3/4 H/Z, 8 anos de idade, DEL (dias em lactação) 60, produção média de 22kg leite/dia, escore de condição corporal (ECC) 2,75 e 430Kg de peso vivo (PV) apresentava edema cranial ao úbere. A ração consistia em capim-elefante (*Pennisetum purpureum*) e concentrado oferecidos no cocho e pastagem de *brachiaria decumbens ad libitum*. O proprietário relatou a prática frequente de aplicação de ocitocina exógena (EV) pré-ordenha em todas as vacas lactantes, sem desinfecção ou troca de agulhas. O mesmo havia iniciado tratamento com aplicações intramusculares (IM) de flunixinina meglumina 1,2 mg/Kg (Flumedin®, JOFADEL), SID durante três dias e dose única de 20mg de dexametasona (Déxium®, Chemitec), IM, sem sucesso. Os parâmetros clínicos estavam normais e o paciente demonstrava inflamação na região da veia supracitada, com sinais de edema. Após o diagnóstico de flebite, foi indicado tratamento com compressa de gelo e aplicações tópicas de dimetilsulfóxido (DMSO®, VETNIL) após ordenha e aplicação de ocitocina passou a ser realizada na veia epigástrica superficial esquerda. Além disso, indicou-se adotar medidas de higiene em aplicações medicamentosas. Após dez dias de tratamento, o processo inflamatório havia regredido, não houve fistulação e a veia apresentava aspecto normal na palpação. A realização de práticas de manejo inadequadas como utilização de agulhas contaminadas, favorece o desenvolvimento de lesões vasculares e transmissão de doenças. Assim, a higiene de materiais é de extrema importância para evitar transtornos de saúde e proporcionar bem-estar aos animais.

Palavras-chave: Agulha, Bovino, Leite, Lesão Vascular.

ARTRITE SÉPTICA INTERFALANGEANA PROXIMAL EM BOVINO APÓS RESSECÇÃO CIRÚRGICA DE PARADÍGITO - RELATO DE CASO

José da Páscoa Nascimento Neto¹, Natália Botega Pedroso¹, Luísa Holanda Andrade Rodrigues¹, André Luis Mendes Azevedo Carvalho², Claudia Dias Monteiro Toma¹, Luthesco Haddad Lima Chalfun^{1*}

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras- UNILAVRAS, Lavras, MG, Brasil

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias da Universidade Federal de Lavras-UFLA, Lavras, MG, Brasil

*Autor para correspondência – E-mail: luthescochalfun@unilavras.edu.br

A artrite séptica pode causar claudicação severa em bovinos, na maioria dos casos envolve a articulação interfalangeana distal, porém pode acometer articulações proximais. Pode ser causada por infecção primária de bactérias ou disseminação dessas, via hematogena. Objetiva-se relatar um caso de artrite séptica interfalangeana proximal em vaca leiteira após ressecção cirúrgica de paradígito. Uma vaca girolando 3/4 HZ, 6 anos de idade, DEL (dias em lactação) 90, produção média de 17 kg leite/dia e 450 Kg de peso vivo (PV) apresentava aumento de volume, necrose tecidual e miíase no paradígito do membro pélvico direito, além de diminuição de produção de leite e sinais evidentes de dor. Após avaliação clínica, com o paciente em estação, foi realizada limpeza da ferida e remoção de larvas da miíase. O procedimento cirúrgico iniciou-se com tricotomia e aplicação de 200mg de cloridrato de lidocaína (Lidovet®, BRAVET) proximal à região afetada e como conseqüente, remoção de tecido necrosado e do paradígito, utilizando bisturi. Não foi possível realizar sutura, devido à perda prévia de tecido. Realizou-se aplicação tópica de Oxitetraciclina (Terramicina Solúvel®, PFIZER) e pomada para auxiliar a cicatrização (Unguento®, Vansil) em atadura no local da ferida. E foi prescrita a aplicação intramuscular (IM) de cloridrato de ceftiofur 1,1 mg/Kg (CEF-50®, AGENER), SID, durante cinco dias consecutivos. Finalizado o tratamento, o animal apresentou inapetência, queda brusca na produção de leite, sinais de inflamação e aumento de volume da região afetada, dificuldade em apoiar o membro e decúbito recorrente. Instituiu-se um segundo tratamento, com torniquete cerca de 10cm superior a lesão e perfusão endovenosa única de 1500mg de cloridrato de ceftiofur (Lactofur®, Ouro Fino), permitindo ação antimicrobiana local por 40 minutos e administração de flunixinina meglumina 1,2 mg/Kg (Flumedin®, JOFADEL), IM, SID, durante três dias consecutivos. Repetiu-se a antibiose supracitada após sete dias. No decorrer do tratamento, houve retorno na ingestão de matéria seca e os sinais de inflamação regrediram. Doze dias após o início do segundo tratamento, a paciente estava clinicamente saudável e a ferida cirúrgica em processo de cicatrização, sem dificuldade de locomoção e retornando gradativamente a produção de leite. As medidas terapêuticas proporcionaram saúde e bem-estar ao animal.

Palavras-chave: Articulação, Bovino, Claudicação, Clínica, Infecção.

ULTRASSONOGRAFIA PULMONAR COMO MÉTODO DE DIAGNÓSTICO DE DOENÇA RESPIRATÓRIA CLÍNICA EM BEZERRA LEITEIRA - RELATO DE CASO

José da Páscoa Nascimento Neto¹, Luiz Felipe Rogana Müller¹, Túlio Bastos Tomaz Carvalho¹, Clara Emmanuely Mota Martins¹, André Luis Mendes Azevedo Carvalho², Luthesco Haddad Lima Chalfun^{1*}

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras- UNILAVRAS, Lavras, MG, Brasil

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias da Universidade Federal de Lavras-UFLA, Lavras, MG, Brasil

*Autor para correspondência – E-mail: luthescochalfun@unilavras.edu.br

O complexo de doenças respiratórias acomete bezerras em suas primeiras semanas de vida. Pode ser causado por bactérias ou vírus que suprimem o estado imunológico do animal e causam diversas consequências à saúde. Na maioria dos casos o diagnóstico baseia-se somente nos sinais clínicos. Os animais que foram acometidos nos primeiros dias de vida podem apresentar redução no crescimento, maior risco de descarte e influência negativa em produção e reprodução na primeira lactação. A ultrassonografia mostra-se como uma forma de diagnóstico eficiente considerando aspectos como curto período de tempo para realização, detecção de doenças subclínicas e possibilidade de utilizar o mesmo ultrassom empregado no manejo reprodutivo de vacas. Objetiva-se relatar o caso de uma bezerra com sinais clínicos de doença respiratória diagnosticada por meio de ultrassonografia pulmonar. Foi atendido, um bovino, fêmea, girolando 3/8 HZ, 60 dias de idade, lactente e alojada em bezerreiro tipo “argentino”. A paciente apresentava febre, inapetência e sibilos pulmonares perceptíveis na auscultação. O proprietário informou que havia realizado tratamento prévio para pneumonia, porém sem sucesso. O diagnóstico ultrassonográfico foi efetuado por varredura pulmonar bilateral, nos espaços intercostais (EIC), 2° ao 10° direito e 3° ao 9° esquerdo. A avaliação das imagens demonstrou acúmulo de líquido alveolar, irregularidade da linha pleural (considerada como consolidação pulmonar) e artefato de imagem (denominado cauda de cometa). O diagnóstico de doença respiratória considerou achados imagiológicos descritos em literatura científica. Instituiu-se tratamento com aplicações intramusculares (IM) de benzilpenicilina procaína 10.000UI/Kg (Pulmodrazin®, Pearson), SID por cinco dias e dipirona 25 mg/Kg (Analgex V®, Agener), SID, durante três dias consecutivos. A paciente foi a óbito alguns dias após início do tratamento e não foi realizada necropsia. A ultrassonografia torácica em bezerras é considerada eficiente no diagnóstico de afecções respiratórias pela avaliação da presença de lesões no pulmão. Devido à ausência de necropsia, acredita-se que a causa mortis tenha sido relacionada ao acometimento em questão. Conclui-se que a ultrassonografia é válida na avaliação de lesões pulmonares. O diagnóstico por imagem contribui para o avanço na clínica médica de bovinos e a disseminação da técnica necessita de ajustes relacionados a padronização e sobreposição de estruturas.

Palavras-chave: Bovino, Clínica, Consolidação, Ultrassom, Pulmão.

ARTRODESE CIRÚRGICA EM POTRO SECUNDÁRIO TRAUMA

Júlia Talita Caputo^{1*}, Maria Carolina Garcia de Oliveira¹, Gil Fernando de Paula Júnior², Loreane Rosa da Rosa², Rafael Ângelo Duarte Costa², Ivam Moreira de Oliveira Junior¹

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras – UNILAVRAS, Lavras, Minas Gerais, Brasil

² Centro Médico de Cavalos, Varginha-MG Brasil

*Autor para correspondência – E-mail: juliatcaputo@hotmail.com

Artrodese é o termo ortopédico que significa fusão de articulação, podendo ser realizada em qualquer parte do corpo. O objetivo deste trabalho é relatar um caso de artrodese cirúrgica em potro. Foi atendido um equino, macho, Paint Horse, de dois anos de idade. Segundo o proprietário, o potro sofreu ruptura em face medial da coxa por um cabo de enxada. Ao exame físico verificou que a perfuração foi profunda ao ponto de quase atingir a cavidade abdominal, assim, foi realizado o procedimento padrão de remoção do cabo, sutura e tratado na propriedade com anti-inflamatórios, manejo e limpeza da ferida, havendo melhora significativa, porém o animal apresentou projeção cranial da articulação metatarso-falangeana (“emboletamento”), suspeitando-se de lesão em nervos. Dessa forma, realizou tenotomia de tendão extensor superficial, sem melhora. Devido a isso, realizou curativo com tala de cano PVC, da pinça do casco até dorsal ao jarrete, porém ao se retirar a tala, havia recidiva, assim, optou-se pela artrodese com placa e parafuso. Já no hospital veterinário, o potro apresentava hipertermia e mucosa hipocorada. Instituiu-se o tratamento com solução de Dipirona e Hioscina (10 ml/Kg/BID), Dipropionato de imidocarb (2,2 mg/Kg) e Omeprazol (4 g/SID). Para analgesia foi utilizado Fenilbutazona (4,4 mg/Kg/SID/IV/5d), Firocoxibe (0,1 mg/Kg/SID/VO). Utilizou-se também Penicilina Benzatina (22.000 UI/Kg/IM) a cada 48 horas, Gentamicina (6,6 mg/Kg/SID/IV/20d). No pré-cirúrgico foram administrados antibióticos, protetor gástrico e soro antitetânico (10.000 UI), a medicação pré-anestésica (MPA) foi feita com Xilazina (1,1 mg/kg/IV), a indução com Cetamina (2,2 mg/kg/IV) e Diazepam (0,02 mg/kg/IV), para manutenção anestésica foi usado Isoflurano e, para a infusão contínua Lidoicaina em Ringer Lactato com bólus (1,3 mg/kg) prosseguindo com a infusão de 0,05 mg/kg. Neste caso, a manobra cirúrgica foi realizada na articulação metatarso-falangeana do membro pélvico direito. Durante o pós-operatório foi administrado analgésicos, antibioticoterapia a base de Penicilina, anti-inflamatório, protetor gástrico e Ácido Acetilsalicílico 10g/SID/VO. Entretanto desenvolveu osteomielite, causando dor, claudicação e fístula. Como o animal não apresentou melhora, optou-se pela eutanásia. É de suma importância que em casos de acidente o animal seja encaminhado imediatamente para atendimento médico veterinário para se ter maior chance de recuperação.

Palavras-chave: lesão, boleto, cirurgia, infecção.

TRAQUEOSTOMIA PERMANENTE EM EQUINO - RELATO DE CASO

Júlia Talita Caputo^{1*}, Maria Carolina Garcia de Oliveira¹, Gil Fernando de Paula Júnior², Loreane Rosa da Rosa², Rafael Ângelo Duarte Costa², Ivam Moreira de Oliveira Júnior¹.

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras – UNILAVRAS, Lavras, Minas Gerais, Brasil

² Centro Médico de Cavalos, Varginha-MG Brasil

*Autor para correspondência – E-mail: juliatcaputo@hotmail.com

A traqueostomia é uma técnica cirúrgica que tem como intuito criar uma abertura temporária ou permanente no interior da traqueia para facilitar o fluxo de oxigênio. O objetivo deste trabalho é relatar um caso de traqueostomia permanente em um equino. Foi atendido em um haras um equino, fêmea, Mangalarga Marchador com idade indefinida. O histórico do animal era de uma crise grave de asfixia aparentemente sem motivo, sendo necessário realizar uma traqueostomia de emergência no local, com uma sonda nasogástrica e, em seguida encaminhada para o hospital veterinário. Foi realizada endoscopia no animal, porém não apresentou alteração nesse exame, apenas um resquício de sangue que poderia ser interpretado como resultado da própria traqueostomia temporária. Assim, a égua permaneceu em observação com o traqueotubo, sendo retirado apenas para limpeza. Neste momento era avaliado se haveria recidiva da asfixia ao ser colocada em piquete por um curto período sem o mesmo. Entretanto, a égua não permaneceu estável sem o traqueotubo, apresentando uma grave asfixia por haver muita secreção sendo liberada na luz traqueal, por isso optou-se pela cirurgia de traqueostomia permanente. Desse modo, o plano anestésico utilizado foi o *triple* DRIP, e para a MPA foi administrado Xilazina (1,1 mg/kg/IV), a indução foi feita com Cetamina (2,2 mg/kg/IV), e a manutenção foi realizada com o EGG, além de a paciente ter sido medicada com soro antitetânico (10.000 UI). No pós-operatório foi realizada terapia com Penicilina benzatina (22.000 UI/kg/IM) a cada 48 horas em 10 aplicações, Gentamicina (6,6 mg/kg/IV/SID) por 7 dias, Meloxicam (0,6 mg/Kg/SID/IV) por 5 dias, Omeprazol (4 mg/Kg/SID/VO), Ranitidina (1,5 mg/Kg/TID/VO) e Sucralfato (4g/animal/BID), sem intercorrências. O animal recebeu alta ao final do tratamento pós-operatório, mas semanas após a alta foi comunicado o seu óbito. Apesar de a manobra cirúrgica ser um procedimento muito invasivo, não foi relatado nenhuma alteração posteriormente, apenas houve suspeita de que, tanto as crises de asfixia quanto o motivo do óbito, foram desencadeados pelo fornecimento de silagem para alimentação, pois foi observado que outro animal apresentou sinais clínicos semelhantes após ser alimentada pelo volumoso.

Palavras-chave: asfixia, ferida, cirurgia, silagem.

PERFUSÃO REGIONAL INTRAVENOSA E ANTIBIOTICOTERAPIA SISTÊMICA NO TRATAMENTO DE ARTRITE SÉPTICA EM VACA TABAPUÃ

Larissa Almeida Oliveira^{1*}, Ana Luísa Mendes dos Santos¹, Isabella Isis Rodrigues Viana¹, Larissa Florêncio de Assis¹, Hugo Shisei Toma², Adriana Souza Coutinho².

¹Residente em Clínica Médica de Grandes Animais, Universidade Federal de Lavras, Lavras – MG, Brasil

²Docente do Setor de Clínica Médica de Grandes Animais, Universidade Federal de Lavras, Lavras-MG, Brasil.

*Autora para correspondência – E-mail: larissaoliveira0554@gmail.com

A artrite séptica é uma enfermidade inflamatória/infecciosa das articulações, podendo causar rápida degeneração articular e claudicação grave, exigindo tratamento imediato. A perfusão regional intravenosa de antibióticos tem como vantagens a obtenção de alta concentração do fármaco na região afetada, com doses mais baixas, menor risco de toxicidade e menor custo, se comparada à aplicação sistêmica. O objetivo deste trabalho é relatar os achados clínicos, diagnóstico e tratamento de um caso de artrite séptica. Uma vaca, da raça Tabapuã, com seis anos, peso vivo 600 Kg e criada em sistema extensivo foi atendida no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Lavras. A queixa principal era de claudicação em membro torácico esquerdo (MTE). Observou-se que o animal não apoiava o MTE em repouso e caminhava com dificuldade. Identificou-se um aumento de volume na região da articulação metacarpofalangeana, aumento de temperatura e consistência macia, à palpação, sem nenhuma lesão aparente. A análise do líquido sinovial desta articulação identificou aspecto turvo, viscosidade ausente, proteína maior que 5,5 g/dL, 127.740 células nucleadas, sendo 91% polimorfonucleares, confirmando a presença de artrite séptica. O hemograma apresentava leucocitose (13.300) por neutrofilia (6417) e hiperfibrinogenemia (800). O tratamento instituído foi: fenilbutazona (2,2 mg/kg, via intramuscular (IM), uma vez ao dia, por três dias); florfenicol (40 mg/kg, via IM, a cada 48 horas, totalizando cinco aplicações); perfusão regional intravenosa, na veia digital dorsal comum, com 600 mg de gentamicina e 100 mg de lidocaína, durante 45 minutos, mediante aplicação de garrote na porção proximal do metacarpo. Após sete dias do tratamento instituído, o animal apresentou melhora parcial da claudicação, porém, a articulação metacarpofalangeana continuava com aumento de volume e temperatura. A articulação do carpo também apresentou essas alterações. Realizou-se nova perfusão regional intravenosa, com 500 mg de ceftiofur e 100 mg de lidocaína, com o garrote proximal ao carpo. Após seis dias, houve redução do aumento de volume das articulações e o animal apresentava uma claudicação bem discreta. A paciente continua em observação para acompanhamento da evolução. A artrite séptica é uma afecção grave que pode ocasionar prejuízos na criação de bovinos.

Palavras-chave: bovino, claudicação, articulação, infecção.

CISTITE ASCENDENTE EM BOVINO – RELATO DE CASO

Larissa Florêncio de Assis^{1*}, Ana Luisa Mendes¹, Isabela Isis Viana¹, Larissa Almeida de Oliveira¹, Hugo Shisei Toma², Adriana de Souza Coutinho²

¹Residente em Clínica Médica de Grandes Animais, Universidade Federal de Lavras, Lavras – MG, Brasil

²Docente do Setor de Clínica Médica de Grandes Animais, Universidade Federal de Lavras, Lavras-MG, Brasil.

*Autora para correspondência – E-mail: lflorenciao@gmail.com

As enfermidades de bexiga e uretra são comuns em animais de produção. Entretanto, devido à escassez de relatos de caso na literatura, à dificuldade de realização dos exames diagnósticos a campo, além da ausência de achados patognomônicos, o diagnóstico definitivo muitas vezes não é realizado. A cistite é uma doença que pode ter curso agudo, com apresentação de sinais clínicos sugestivos, como arqueamento de dorso durante a micção, e se apresentar nas formas: hemorrágica, purulenta, ulcerativa ou necrosante. As fêmeas possuem maior propensão ao desenvolvimento da enfermidade devido a disposição anatômica da vulva. O diagnóstico definitivo é realizado por meio de urinálise, ou incidental na necropsia. O objetivo do presente relato é descrever as alterações observadas no atendimento de um bovino apresentando cistite. Foi realizado, pela equipe da clínica médica de grandes animais do HOVET - UFLA, o atendimento de um bovino, fêmea, da raça Nelore, com 20 meses de idade, utilizado em experimento de avaliação metabólica de animais sob dieta de desafio com alta carga de concentrado, com queixa de apatia e redução de consumo. Parte da avaliação metabólica exigia coleta seriada de urina, pelo período de 24h, via sonda urinária. No exame clínico não foi possível determinar a causa da queixa apresentada pelos responsáveis, e por essa razão foram realizadas coletas de sangue e urina para realização de hemograma e urinálise, respectivamente. No hemograma foi observada leucocitose (28.100) por neutrofilia (18.546), e linfócitos (9.273), com linfócitos reativos (3%). Na urinálise a densidade urinária estava abaixo do limite inferior, com presença de leucócitos, proteína, hemácias, cristais de estruvita e aglomerados de bactérias e piócitos, confirmando o diagnóstico de cistite. O animal foi submetido a antibioticoterapia sistêmica com Ceftiofur, na dose 2,2mg/kg, via intramuscular por 10 dias, com intervalos de 24h entre as aplicações. A partir da primeira aplicação o animal apresentou melhora na apatia e consumo de matéria seca, tendo remissão total do quadro ao final do tratamento. O uso de sondas urinárias pode ser facilitador do carreamento de patógenos para o trato urinário, por essa razão sua utilização deve ser feita com cautela.

Palavras-chave: Vesícula Urinária, Infecção, Bovino, Nelore.

INDUÇÃO A LACTAÇÃO EM NOVILHA - RELATO DE CASO

Marco Antônio Neiva Pereira¹, Gabriella Henriques de Faria Pinto¹, José da Páscoa Nascimento Neto¹, André Luis Mendes Azevedo Carvalho², Luthesco Haddad Lima Chalfun^{1*}

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras- UNILAVRAS, Lavras, MG, Brasil

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias da Universidade Federal de Lavras-UFLA, Lavras, MG, Brasil

*Autor para correspondência – E-mail: luthescochalfun@unilavras.edu.br

A indução a lactação tem como propósito mimetizar os níveis hormonais no terço final da gestação, fazendo com que o animal inicie a produção de leite sem que haja o nascimento de uma prole. O objetivo desse trabalho, é relatar a indução de lactação em uma nulípara *repeat breeding*. Um bovino, fêmea, 5/8 HZ, com dois anos de idade e aproximadamente 400 quilos de peso vivo, anteriormente gestante (180 dias), apresentou um quadro de aborto de causa desconhecida. Durante a avaliação do animal, foi observada a possibilidade da indução a lactação, por ser um animal com idade avançada para as condições de produção da propriedade com Escore de Condição Corporal (ECC) elevado, 4,50 (escala de 1-5). Iniciou-se o tratamento com: 0,48mg/kg progesterona (P4) e Somatotropina Recombinante Bovina (rbST), após dois dias repetiu - se a dose de P4. A partir do quarto dia foram administradas seis aplicações alternadas de 0,005mg/kg de benzoato de estradiol, 0,01mg/kg de cipionato de estradiol e 0,48mg/kg de progesterona. Aplicação semanal de rbST e após a terceira aplicação, o animal recebeu dose a cada quatorze dias. No dia 15, 0,53mg de cloprostenol sódico e 0,48mg/kg de P4. No dia 15 ao 17, 20mg de dexametasona, juntamente com 0,008mg/kg de benzoato de estradiol. Todas as aplicações por via intramuscular profunda. A partir do dia 18, o animal foi ordenhado. A produção de leite elevou-se gradativamente, como esperado, atingindo o pico de lactação aos 66 dias, com 23 kg leite. A lactação atingiu 526 dias, com média de 17,47 kg de leite/dia, obtendo produção total de 9.188 kg na lactação. Durante este período, o animal foi submetido a protocolos de inseminação artificial em tempo fixo (IATF), porém não houve resultado e o animal foi destinado ao abate. Os transtornos reprodutivos são comuns em fazendas leiteiras devido ao estresse por manejo inadequado, dieta desbalanceada, estresse térmico, água de baixa qualidade, entre outros fatores. Com isso, a indução a lactação pode ser uma ferramenta terapêutica eficiente ao produtor considerando que já houve o investimento na criação dos animais.

Palavras-chave: Bovinos, Indução, Lactação, Protocolo.

MICOTOXICOSE EM BOVINO - RELATO DE CASO

Luísa Holanda Andrade Rodrigues¹, José da Páscoa Nascimento Neto¹, Natália Botega Pedrosa¹, André Luis Mendes Azevedo Carvalho², Ana Carolina Chalfun de Sant'Ana³, Luthesco Haddad Lima Chalfun^{1*}

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras- UNILAVRAS, Lavras, MG, Brasil

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias da Universidade Federal de Lavras-UFLA, Lavras, MG, Brasil

³ Acadêmica do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Lavras, Lavras, MG, Brasil

*Autor para correspondência – E-mail: luthescochalfun@unilavras.edu.br

Em propriedades leiteiras, a silagem de milho (*Zea mays*) é um importante componente da alimentação dos bovinos. No entanto, quando manejada de maneira errada, pode se tornar um ambiente propício para proliferação de fungos patogênicos e produção de micotoxinas. As toxinas podem prejudicar o metabolismo ruminal e ocasionar redução na ingestão de matéria seca (IMS), produção leiteira, imunossupressão e até a morte. Objetiva-se relatar um caso de micotoxicose em vaca leiteira. Foi atendido, um bovino, fêmea, girolando 7/8 HZ, 3 anos de idade, 100 dias de gestação, DEL (dias em lactação) 245, produção média de 15 kg leite/dia e aproximadamente 400 kg peso vivo (PV), apresentando hematoquezia. Alimentação consistia em silagem de milho, pastagem de (*Panicum maximum*, cv Mombaça) e concentrado (Milho moído reidratado, Farelo de Soja, Carozo de Algodão, Polpa Cítrica, Farelo de Trigo, Ureia e Sal Mineral). Na anamnese, o proprietário relatou presença de sangue nas fezes do animal. Progressivamente, a paciente apresentou anorexia, queda de 80% na produção de leite e hematoquezia. No exame clínico, realizou-se diagnóstico terapêutico para micotoxicose considerando os sinais clínicos e aspectos epidemiológicos. O tratamento consistiu em aplicações intramusculares (IM), SID de vitamina K, 0,5mg/kg (Monovin K®, Bravet) e dipirona sódica, 25mg/kg (Finador®, Ouro Fino). No dia seguinte, o animal não apresentou melhora clínica e o profissional optou pela administração de probiótico oral, 34g (Biobac®, Ouro Fino) e aplicações IM, SID de sulfadoxina, 12mg/kg (Borgal®, MSD), levamisol, 1,9g (Ripercol L-150F®, Zoetis), flunixinina meglumina, 1,1mg/kg (Flunixinina®, UCBVET), vitamina K, 0,5mg/kg (Monovin K®, Bravet), complexo vitamínico, 500mL (Fortemil®, Ouro Fino), dextrose, 500mL (Glicocalbos®, CALBOS) e gluconato de cálcio, 250mL (Cálcio Reforçado®, Ouro Fino). No terceiro dia, os parâmetros clínicos estavam normais, mas o animal ainda apresentava reduzida IMS, repetiram-se as mesmas dosagens de probiótico e sulfadoxina por mais dois dias. Ao fim do tratamento, a paciente apresentou IMS adequada e as fezes estavam aparentemente normais. Após dois dias, retornou 10% da produção de leite diária. A prevenção da proliferação de fungos é de extrema importância baseando-se em boas práticas alimentares, cuidados na ensilagem, armazenamento de alimentos e descarte de porções apodrecidas ou com bolores.

Palavras-chave: Bovino, Fungo, Hematoquezia, Micotoxina, Silagem.

INTOXICAÇÃO EM BEZERRA LEITEIRA DECORRENTE DE DOSE INADEQUADA DE ECTOPARASITICIDA-RELATO DE CASO

Luísa Holanda Andrade Rodrigues¹, José da Páscoa Nascimento Neto¹, Natália Botega Pedrosa¹, Clara Emmanuely Mota Martins¹, André Luis Mendes Azevedo Carvalho², Luthesco Haddad Lima Chalfun^{3*}

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras- UNILAVRAS, Lavras, MG, Brasil

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias da Universidade Federal de Lavras-UFLA, Lavras, MG, Brasil

*Autor para correspondência – E-mail: luthescochalfun@unilavras.edu.br

As infestações por ectoparasitas representam um dos maiores desafios para bovinos criados de forma extensiva. Os carrapatos ocasionam consequências a saúde e bem-estar dos animais, considerando a transmissão de hemoparasitoses, como o complexo tristeza parasitária bovina. Essa afecção traz prejuízos econômicos relacionados ao investimento no controle de vetores, perdas em produção e morte. Animais acometidos apresentam sinais clínicos como prostração, inapetência, febre e diminuição na produção leiteira. O controle envolve a utilização de medicamentos tópicos para reduzir o número de parasitas. No entanto, em qualquer situação, é de extrema importância respeitar a dosagem recomendada desses medicamentos. Objetiva-se relatar um caso de intoxicação em bezerra decorrente de superdosagem de carrapaticida. Uma bezerra girolando 13/16 HZ, lactente, 20 dias de idade, 40 kg de peso vivo (PV), apresentava ataxia, sudorese, tremores e fraqueza muscular. Na anamnese o proprietário relatou que o animal estava infestado por carrapatos e recebeu banho carrapaticida previamente aos sinais clínicos, pulverizado com clorpirifós, 12,5 mL (Colosso FC30®, Ouro Fino) diluído em 10 litros de água. Entretanto, apesar da dosagem ter seguido as recomendações, a quantidade de solução utilizada foi superior ao indicado, sendo que aproximadamente após 12 horas, o animal apresentou sinais de intoxicação ao medicamento. No exame clínico, o profissional responsável notou alto nível de desidratação. Assim, instituiu tratamento com administrações subcutâneas de complexo vitamínico, 50mL (Fortemil®, Ouro Fino), hepatóxico, 30 mL (Mercepton®, Bravet) e sulfato de atropina, 5 mL (Atropina 1%®, CALBOS) e banho com água fria. Após o tratamento, o animal ficou exposto ao sol e apresentou redução na ataxia. Após algumas horas, a paciente apresentou cólica abdominal e foi à óbito. O proprietário optou por não realizar a necrópsia. Conclui-se que é de extrema importância que os produtores realizem o controle estratégico preventivo de carrapatos na propriedade, principalmente em locais que os animais passam a maior parte do tempo. Bezerros imunocomprometidos são mais sensíveis a altas doses de medicamentos, entretanto todas as categorias possuem elevado risco de intoxicação. Portanto, as medidas terapêuticas devem seguir orientações impostas pelo médico veterinário, pela bula e deve-se realizar a necrópsia de todos os animais que vierem à óbito.

Palavras-chave: Bovino, Carrapato, Clínica, Intoxicação, Tratamento.

BABESIOSE EM BOVINO – RELATO DE CASO

Luísa Holanda Andrade Rodrigues¹, José da Páscoa Nascimento Neto¹, André Luis Mendes Azevedo Carvalho², Ana Carolina Chalfun de Sant'Ana³, Bruno Gonzales⁴, Luthesco Haddad Lima Chalfun^{1*}

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras- UNILAVRAS, Lavras, Minas Gerais, Brasil

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias da Universidade Federal de Lavras-UFLA, Lavras, MG, Brasil

³ Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Lavras- UFLA, Lavras, Minas Gerais, Brasil

⁴ Médico veterinário responsável. Fazenda São Jorge. São Pedro, SP, Brasil

*Autor para correspondência – E-mail: luthescochalfun@unilavras.edu.br

A Babesiose, englobada no grupo de agentes causadores da Tristeza Parasitária Bovina (TPB), apresenta-se como uma das principais doenças endêmicas no país, promovendo altos índices de morbidade e até mortalidade nos animais. Causada por um protozoário do gênero *Babesia*, especificamente as espécies *B. bigemina* e *B. bovis*, utiliza do carrapato como vetor para transmissão. O protozoário atinge a corrente sanguínea e parasita os glóbulos vermelhos, causando febre, anemia, anorexia, distúrbios neurológicos, urina escura e até a morte. O diagnóstico da doença pode ser realizado por meio de exame clínico associado ou não a exames complementares como sorologia e avaliação de hematócrito. Objetiva-se relatar o caso clínico de uma novilha apresentando Babesiose. Uma fêmea bovina, 12 meses de idade e com 280Kg de peso vivo, pertencia a um lote no qual foi identificado um surto de TPB. Os animais desse lote apresentavam inapetência, prostração, isolamento, pelos arrepiados, mucosas pálidas, febre, além da presença de ectoparasitas. O diagnóstico de Babesiose era realizado de acordo com resultado do hematócrito, sendo considerado positivo quando apresentava valor menor que 25%. A paciente em destaque manifestava aspecto menos promissor, demonstrando-se apatia grave, dificuldades em se manter em estação e mucosas hipocoradas com presença de petéquias e hemorragia bilateral extensa da esclera ocular. Foi realizado diagnóstico terapêutico e estabelecido tratamento com antibioticoterapia de amplo espectro, englobando Babesiose e Anaplasmose. Instituiu-se tratamento através de aplicações intramusculares, SID de Oxitetraciclina, 20mg/Kg (Talcin Max®, NOVARTIS), por cinco dias consecutivos, além de Diminazeno 3,5mg/Kg (Ganavet Plus®, JA), e Flunixinina Meglumina 1,2 mg/Kg (Flumax®, JA), sendo estes dois últimos utilizados apenas no primeiro dia e em dose única. No terceiro dia de tratamento, o animal ainda se apresentava apático, anorético e com sinais de hemorragia, porém sem febre. Após o fim do tratamento, observou-se melhora do estado clínico. A partir disso, destaca-se a relevância do controle de ectoparasitas, conhecimento epidemiológico e do nível de infestação da região e, ao mesmo tempo, a importância do contato, de alguma forma, de animais jovens com o agente etiológico da doença, visando respostas imunológicas efetivas contra a TPB e prevenindo complicações futuras.

Palavras-chave: Bovino, Carrapato, Hemorragia Ocular, Petéquias.

RUPTURA DO MÚSCULO GASTROCNÊMIO EM POTRA COM SEPSE NEONATAL - RELATO DE CASO

Maria Carolina Garcia de Oliveira¹, Julia Talita Caputo¹, Gil Fernando de Paula Júnior², Loreane Rosa da Rosa², Rafael Ângelo Duarte Costa², Claudia Dias Monteiro Toma¹

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras – UNILAVRAS, Lavras, Minas Gerais, Brasil

² Centro Médico de Cavalos, Varginha, MG, Brasil.

*Autor para correspondência – E-mail: mariacarolinag98@gmail.com

O músculo gastrocnêmio se encontra no terço médio, face caudal do membro pélvico, possui duas cabeças originadas no fêmur, e se insere na tuberosidade calcânea. Sua ruptura é considerada rara e atinge principalmente potros com menos de três semanas de vida. Relatar um caso de ruptura do músculo gastrocnêmio em potra com sepse. Foi atendido um equino, fêmea, Mangalarga Marchador, com 4 dias de vida e aproximadamente 28 kg. Segundo o proprietário a potra era órfã, fruto de parto distócico, não havia ingerido colostro, estava fraca e com lesão no membro pélvico esquerdo possivelmente devido a uma pisadura da receptora na tentativa de adoção, sendo encaminhada ao Centro Médico de Cavalos. No exame físico a potra apresentava desidratação, mucosas ictéricas, frequência cardíaca e respiratória aumentadas, enfisema subcutâneo e claudicação severa do membro pélvico esquerdo. No primeiro atendimento foi administrado leite natural de égua e sucedâneo, 100ml a cada uma hora com o intuito de manter a glicemia, além de infusão de glicose a 10% na dose de 8mg/kg/min e ringer lactato na dose de 120ml/kg/dia. Ao observar o andar da potra o diagnóstico presuntivo foi ruptura do músculo gastrocnêmio devido a forma com que ela apoiava o membro pélvico esquerdo, sem conseguir sustentação do mesmo e por apresentar hiperflexão do jarrete que estava próximo ao solo, postura típica de agachamento. Para chegar ao diagnóstico definitivo foi indicada a realização de exame ultrassonográfico que constatou ruptura completa das cabeças do músculo gastrocnêmio. Como tratamento foi confeccionada uma tala de sustentação, chamada tala *Thomas-Schoroeder*, no membro afetado para que houvesse cicatrização da ruptura e possível melhora do quadro clínico relacionado e iniciada a antibioticoterapia devido ao quadro de sepse neonatal. Após 2 dias a potra veio a óbito, o prognóstico era desfavorável e foi agravado pela sepse. A ruptura do músculo gastrocnêmio envolve tratamento longo e intensivo pois exige repouso e imobilização do membro do potro. Neonatos com doenças concomitantes tem menor taxa curativa após instituição de tratamentos. Além disso há a preocupação relacionada a impossibilidade da função atlética do animal.

Palavras-chave: gastrocnêmio, músculo, ruptura, equino, neonato

FIXAÇÃO EXTERNA COM CERCLAGEM INTERDENTAL PARA REDUÇÃO DE AVULÇÃO TRAUMÁTICA DOS DENTES INCISIVOS INFERIORES EM GANHÃO - RELATO DE CASO

Maria Carolina Garcia de Oliveira¹, Gil Fernando de Paula Júnior², Loreane Rosa da Rosa³, Rafael Ângelo Duarte Costa³, Álvaro Mendes de Resende³, Cláudia Dias Monteiro Toma⁴

¹ Acadêmico(a) do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras – UNILAVRAS, Lavras, Minas Gerais, Brasil

² Médico Veterinário, Residente, Centro Médico de Cavalos, Varginha, MG, Brasil.

³ Médico Veterinário (a), Centro Médico de Cavalos, Varginha, MG, Brasil.

⁴ Docente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras, UNILAVRAS, Lavras, MG, Brasil.

*Autor para correspondência – E-mail: mariacarolinag98@gmail.com

Cerclagem interdental consiste na aplicação de fios de aço ao redor da coroa dentária, com a finalidade de estabilizar fraturas odontomaxilares e odontomandibulares além de avulsões dentárias. Relatar um caso em que foi realizado cerclagem interdental para redução de avulsão traumática dos dentes incisivos inferiores em um ganhão. Foi atendido um equino, macho, da raça Mangalarga Marchador com 4,5 anos de idade e aproximadamente 350 kg. Segundo o proprietário, o animal apresentou sangramento oral e alterações de oclusão dos dentes incisivos, com possível fratura de mandíbula, sendo então encaminhado ao Centro Médico de Cavalos. Ao exame físico todos os parâmetros avaliados encontravam-se dentro da normalidade para a espécie. O animal foi encaminhado para a avaliação radiográfica, na qual foi possível detectar a avulsão dos elementos dentários 401, 402 e 403 de acordo com o sistema *Triadan* modificado. Para a redução do trauma, o equino foi submetido a sedação com detomidina e bloqueio locorregional com lidocaína a 2% no forame mentoniano. A técnica de cerclagem interdental foi realizada com fio de aço inoxidável de 1.2 mm (milímetros) de diâmetro, transpassado entre os espaços dentários dos incisivos inferiores, sendo ancorados na mandíbula. Em seguida, foi aplicado resina acrílica sobre toda mesa dentária conferindo maior resistência a técnica. No pós-operatório foi administrado fenilbutazona, antibioticoterapia com penicilina, além de protetores gástricos e soro antitetânico. Foi realizado enxague da cavidade oral com solução aquosa de clorexidina, diariamente, até a remoção da cerclagem, 60 dias após o procedimento. A realização da cerclagem interdental representa uma técnica eficaz na redução de avulsões dentárias, associada a toda terapia de suporte citada, promovendo assim o retorno adequado da função mastigatória e reajuste da oclusão.

Palavras-chave: cerclagem, equino, fratura, mandíbula.

ÚLCERA DE CÓRNEA EM ÉGUA QUARTO DE MILHA - RELATO DE CASO

Maria Carolina Garcia de Oliveira¹, Gil Fernando de Paula Júnior², Loreane Rosa da Rosa³, Rafael Ângelo Duarte Costa³, Álvaro Mendes de Resende³, Claudia Dias Monteiro Toma⁴

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras – UNILAVRAS, Lavras, Minas Gerais, Brasil

² Centro Médico de Cavalos, Varginha, MG, Brasil.

*Autor para correspondência – E-mail: mariacarolinag98@gmail.com

A córnea é uma das estruturas oculares mais acometida nos equinos, afecções relacionadas a essa estrutura podem provocar cegueira se não tratada adequadamente. Sua etiologia é variada, e pode ser decorrente de traumas e doenças infecciosas e tem classificação de acordo com a área acometida e a profundidade da lesão. Relatar o caso clínico de uma égua acometida por úlcera de córnea e a terapia instituída. Foi encaminhado ao Centro Médico de Cavalos, uma égua da raça Quarto de Milha com 5 anos de idade e aproximadamente 450 kg. Sobre o paciente foi relatado ser mantido em regime de pasto, não sendo utilizada em manejos reprodutivos devido resultados insatisfatórios. Com realização do exame físico constatou-se que o animal apresentava déficit visual unilateral, hipersensibilidade a estímulos externo, epífora, blefarite e blefaroespasmos. Os parâmetros fisiológicos se encontravam dentro dos valores normais. Foi realizado o teste com colírio de fluoresceína que detectou a presença e a extensão da lesão na córnea. A terapia medicamentosa instituída envolveu uso sistêmico de antibiótico a base de penicilina e gentamicina, e antiinflamatório com flunixin meglumine. Para uso tópico, foram administrados colírios oftálmicos a base de: ciprofloxacino, sulfato de condroitina A, diclofenaco, cineraria marítima, pomada oftálmica composta por vitamina A e cloranfenicol, além de soro autólogo, soro antitetânico e nistatina. Decorrido alguns dias de internamento foi relatado pelo proprietário outro caso semelhante em outro animal concomitante com aborto no terço final de gestação. Após este relato foi realizada a sorologia do animal internado no hospital e de outros dois animais na propriedade, sendo os mesmos confirmados positivos para leptospirose. Após este resultado, a estreptomomicina foi acrescentada ao tratamento, contribuindo para a melhora do paciente. O animal teve alta após 60 dias de internação e voltou a praticar suas atividades normais na propriedade. A lesão de córnea manifestada nos animais apresenta provável correlação com a infecção por leptospirose, sendo a terapia empregada eficaz no tratamento das enfermidades em questão.

Palavras-chave: úlcera, córnea, equinos, leptospirose

DESLOCAMENTO DORSAL DE PALATO MOLE EM EQUINO SECUNDÁRIO A MIELOENCEFALITE PROTOZOÁRIA EQUINA - RELATO DE CASO

Natalia Botega Pedroso^{1*}, Gil Fernando de Paula Júnior², Loreane Rosa da Rosa², Rafael Ângelo Duarte Costa², Álvaro Mendes de Resende², Claudia Dias Monteiro Toma¹

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras – UNILAVRAS, Lavras, Minas Gerais, Brasil

² Centro Médico de Cavalos, Varginha, MG, Brasil.

*Autor para correspondência – E-mail: nataliaabotegaa@hotmail.com

O deslocamento dorsal de palato mole em equinos pode ser multifatorial e ocorre por disfunção neuromuscular da faringe, que controla entre outras estruturas o palato mole. Na maioria das vezes, ocorre de forma intermitente e raras vezes de maneira persistente. Relatar o caso de um equino que apresentou deslocamento dorsal de palato mole (DDPM) persistente secundário a mieloencefalite protozoária equina (EPM). Foi atendido um equino, macho, quarto de milha, 7 anos de idade, 400 quilos. De acordo com o proprietário, o animal apresentava tosse, secreção esverdeada nasal, anorexia, desidratação e ruídos respiratórios há três dias. Optou-se pelo atendimento a campo por um Médico Veterinário, que obteve o diagnóstico sugestivo de obstrução esofágica, encaminhando o animal ao Centro Médico de Cavalos. Durante o exame clínico, o animal apresentava mucosas hipercoradas com TPC aumentado, apatia, dispneia e presença de ruídos respiratórios, optando-se pela realização de endoscopia para avaliação do sistema respiratório superior e inferior. Foi possível detectar o posicionamento atípico do palato mole sobre a epiglote junto a hiperplasia folicular linfóide e grande concentração de conteúdo mucopurulento na traqueia e restos alimentares. A terapia instituída consistiu em corticoterapia com dexametasona, antibióticoterapia a base de penicilina e gentamicina, somados às vitaminas do complexo “B” e dimetilsulfóxido. Decorridos 3 dias de internamento, foi confirmado o retorno do palato mole para sua posição anatômica. Entretanto, o animal persistia com alterações respiratórias significativas e fraqueza severa dos membros posteriores, além de hipoalgia e hiporreflexia de alguns grupos musculares, como o masseter, o que consiste nos sinais clínicos atribuídos a EPM, detectados com o auxílio de técnicas semiológicas. Posteriormente ao diagnóstico, foi adicionada à terapia, ponazuril, vitamina “E” e selênio, pirimetamina e imunomoduladores, que contribuíram para a cura clínica do paciente após 15 dias. O deslocamento do palato mole leva o animal a apresentar sinais de dispneia e em casos mais graves apneias, necessitando de intervenção rápida. Devido aos diferentes fatores que podem acarretar neste deslocamento, é importante avaliar criteriosamente o animal para estabelecer tratamento correto e efetivo.

Palavras-chave: Equino, Medula, Neurologia, Palato.

INTUSSUSCEPÇÃO ILEOCECOCÓLICA EM EQUINO MANGA-LARGA MARCHADOR

Samuel Alves Castro^{1*}, Laís Queiroz Avelar Silveira¹, Loreane Rosa da Rosa², Rafael Ângelo Duarte Costa², Gil Fernando de Paula Júnior², Ivam Moreira de Oliveira Junior¹

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras, Lavras, MG, Brasil.

² Centro Médico de Cavalos, Varginha, MG, Brasil.

*Autor para correspondência – E-mail: samuelnep@hotmail.com

A intussuscepção ocorre quando um segmento do intestino invagina sobre o outro, levando à síndrome cólica, que pode se apresentar de várias formas, sendo a intussuscepção ileo-ceco-cólica uma delas. Este trabalho tem por objetivo relatar um caso de intussuscepção ileo-ceco-cólica em um potro da raça Mangalarga Marchador. Foi encaminhado ao Centro Médico de Cavalos, Varginha-MG, um equino de dois anos de idade, macho, da raça Mangalarga Marchador com suspeita de cólica. De acordo com o proprietário, o animal era mantido em um piquete com outros sete potros, onde eram alimentados com 25 quilos de ração diariamente, fubá e silagem à vontade. O proprietário relatou o uso de flunixin meglumine, pentabiótico e sorbitol (sedacol) com a intenção de controlar a dor, mas não informou a dosagem utilizada. Também foi informado que o animal apresentou diarreia fétida na propriedade horas antes de ser encaminhado ao hospital. Chegando ao hospital o paciente mostrou desconforto abdominal intenso e hipermotilidade gastrointestinal, sem distensão abdominal. Realizou o exame físico e constatou que a frequência cardíaca e temperatura estavam normais, apresentando taquipneia (74 mrm). Depois de inúmeras tentativas de sondagem, sem sucesso, foi realizada a endoscopia, na qual foi possível observar grande quantidade de espuma branca no estômago do animal. Decorridas algumas horas o animal entrou em choque e veio à óbito. Na necropsia observou que o potro apresentava intussuscepção íleo-ceco-cólica. Com a intenção de acelerar o ganho de massa dos animais para serem vendidos em uma feira, o proprietário disponibilizou grandes quantidades de carboidratos, causando hipermotilidade gastrointestinal, que pode dar origem a intussuscepção. É importante que haja introdução gradativa de carboidratos para que não ocorram casos como o deste relato.

Palavras-chave: potro; cólica; carboidrato.

EXAME ULTRASSONOGRÁFICO E RADIOGRÁFICO PARA DIAGNÓSTICO DE HÉRNIA ABDOMINAL LATERAL EM UM CÃO - RELATO DE CASO

Karen Vitória Santiago Caetano¹, Camila Teixeira Guimarães¹, Sérgio Novais de Melo^{1*}

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras, Lavras, Minas Gerais, Brasil.

*Autor para correspondência – E-mail: sergiomelo@unilavras.edu.br

Hérnias são alterações que ocorrem através de um orifício com deslocamento de órgãos presentes naquela localização anatômica, pode ser congênita ou adquirida. A hérnia traumática da parede abdominal (HTPA) é a protusão do conteúdo abdominal através da ruptura músculo aponeurótica causada por trauma. O diagnóstico é confirmado através de exames de imagem como ultrassonografia (US) e radiografia (Raio X). Descreve-se o caso de um cão com hérnia abdominal lateral direita, diagnosticado através de exames ultrassonográfico e radiográfico. Um cão sem raça definida de 1 ano e 8 meses de idade, de pelagem branca com manchas pretas e pesando 6,0Kg, foi encaminhado ao Hospital Veterinário do Centro Universitário de Lavras, no dia 15 de setembro de 2021, com relato de atropelamento e apresentando um aumento de volume na região abdominal lateral direita. O paciente apresentou padrões normais ao exame clínico, ao exame físico o paciente apresentou escoriações em região distal de membros torácico e pélvico esquerdo, ulceração em região cárpica, claudicação de membro torácico esquerdo, aumento de volume de consistência macia e conteúdo redutível na região abdominal lateral direita, caudal ao gradil costal e dor à palpação. A ultrassonografia é o exame mais indicado para investigação diagnóstica. Por meio da avaliação ultrassonográfica foi exposto a morfologia renal e o modo Doppler mostrou a dinâmica vascular do rim, desse modo, constatou a suspeita de hérnia abdominal lateral revelando a presença do rim direito e alça intestinal como conteúdo herniário. No exame radiográfico, a projeção ventro dorsal (VD) mostrou um conteúdo radioluciente oriundo da alça intestinal, o rim direito também estava presente na imagem com morfologia íntegra, fechando o diagnóstico. O tratamento é cirúrgico. O cão passou por cirurgia eletiva para correção da hérnia e se recuperou completamente.

Palavras-chave: Hérnia abdominal, exame ultrassonográfico, exame radiográfico.

ULTRASSONOGRAFIA GESTACIONAL DE CHINCHILLA LANIGERA

Ana Cláudia Pereira Cardoso¹, Júlia Pereira Drumond², Ana Cláudia Rettore³, Cláudia Dias Monteiro Toma^{1*}

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras, Lavras, MG, Brasil

² Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

³ Médica Veterinária, DUE Centro de Diagnóstico por Imagem, Belo Horizonte, MG, Brasil

* Autora para correspondência – E-mail: claudiamonteiro@unilavras.edu.br

A idade gestacional média da Chinchila é de aproximadamente 112 dias, podendo nascer de 1 a 6 filhotes por ninhada. Apesar de ser uma espécie bastante desenvolvida no processo de domesticação, ainda faltam estudos para estimar a idade gestacional. Atualmente, esta é dividida em quatro estágios: estágio embrionário (15 -30 dias), estágio inicial (31- 46 dias), estágio intermediário (47-70 dias) e estágio avançado (71-115 dias). O objetivo do presente trabalho é relatar a confirmação gestacional, viabilidade fetal, estimativa do estágio gestacional através do exame ultrassonográfico e contabilização de fetos de Chinchila através do exame radiográfico. Uma Chinchila lanigera foi encaminhada para DUE Centro de Diagnóstico por Imagem para confirmação de suspeita clínica de gestação. Durante a realização do ultrassom gestacional, foram visualizados fetos vivos, com boa movimentação quando estimulados, frequência cardíaca oscilando de 180-277 bpm, crânios e esqueletos fetais mineralizados e divisão corporal bem determinada em tórax e abdome. O coração foi visibilizado com quatro câmaras bem definidas. Os pulmões apresentavam-se hiperecogênicos e desenvolvidos. Fígado, bexiga, estômago, rins e alças intestinais (com peristaltismo presente) encontravam-se diferenciados no abdome fetal. Os rins apresentavam-se com boa definição corticomedular, sem dilatação da pelve. O diâmetro biparietal médio foi de 1,41 cm, com comprimento renal médio de 1,01 cm. O animal foi encaminhado para radiografia onde se contabilizou a presença de três fetos. Segundo relato da tutora, o primeiro filhote nasceu 18 horas após a realização dos exames, sendo mutilado pela mãe. O segundo neonato nasceu 40 minutos depois, mas não sobreviveu provavelmente porque a mãe não retirou os envoltórios fetais. O terceiro neonato nasceu 50 minutos após o segundo e, após orientação da Médica Veterinária, teve as vias aéreas desobstruídas pela tutora. O neonato foi separado da mãe até sua aceitação, que ocorreu após a Chinchila ingerir a placenta, conforme relatado pela tutora. Os parâmetros citados nesse relato foram de uma Chinchila em estágio gestacional avançado próximo ao momento do parto. Avaliações futuras são necessárias para caracterização dos demais estágios gestacionais e refinar a estimativa da idade gestacional por exame ultrassonográfico nessa espécie.

Palavras-chave: parâmetros gestacionais, ultrassom, chinchila.

EXAME COMPLEMENTAR DE ULTRASSONOGRAFIA EM *SHUNT* PORTOSSISTÊMICO - RELATO DE CASO

Camila Teixeira Guimarães¹, Karen Vitória Santiago Caetano¹, Claudine Botelho¹, Sérgio Novais de Melo^{1*}

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras, Lavras, Minas Gerais, Brasil.

*Autor para correspondência – E-mail: sergiomelo@unilavras.edu.br

O Shunt Portossistêmico é uma alteração vascular que desvia o fluxo sanguíneo diretamente para a veia cava caudal sem passar pelo fígado. Os desvios vasculares podem ser congênitos ou adquiridos, intra ou extra-hepáticos. O sangue desviado transporta consigo as substâncias que seriam metabolizadas no fígado, como por exemplo amônia, metionina, ácidos graxos, entre outras. O processamento parcial dessas substâncias causa uma insuficiência e, conseqüentemente, uma atrofia hepática, uma vez que os metabólitos presentes na corrente sanguínea causam a encefalopatia hepática. Anormalidades vasculares são comumente descritas em caninos, sobretudo os de raças puras que possuem predisposição. O avanço do método ultrassonográfico no modo Doppler se tornou imprescindível para suspeita de desvios vasculares para identificação desses vasos e fluxos sanguíneos. O presente resumo tem o objetivo de descrever um relato de caso de shunt portossistêmico através da ultrassonografia, na cidade de Lavras, Minas Gerais. Uma cadela, sem raça definida, de 3 anos de idade, de pelagem caramelo, 5,8Kg, foi encaminhada ao Hospital Veterinário do Centro Universitário de Lavras, no dia 25 de maio de 2021, com intensas crises epiléticas e sinais neurológicos. Ao exame clínico e físico a paciente apresentava alteração no estado mental, alteração dos sentidos, desvio lateral da cabeça, alterações na marcha, convulsões e fraqueza. No exame ultrassonográfico foi visualizado desvios de vasos tortuosos em direção à veia cava caudal com formação de fluxos turbulentos, microhepatia, grande quantidade de sedimentos em vesícula urinária e presença de lama biliar. A partir da cistocentese, foi feito a urinálise e identificado biurato de amônio, característico da degeneração hepática. No tratamento terapêutico foram utilizados manitol, lactulose, levetiracetam, metronidazol e ração hepática para desintoxicação. Após 10 dias a paciente apresentou melhora significativa, sendo fundamental toda triagem realizada através do ultrassom a fim de proporcionar qualidade de vida ao animal. Os achados ultrassonográficos foram confirmados posteriormente pelo exame de tomografia computadorizada. A ultrassonografia para estudo Doppler vascular foi de extrema importância no diagnóstico e prognóstico do desvio vascular portossistêmico.

Palavras-chave: Canino, ultrassonografia, Doppler, *shunt* portossistêmico, *shunt* esplenoportal.

EXAME COMPLEMENTAR DE TOMOGRAFIA COMPUTADORIZADA EM SHUNT PORTOSSISTÊMICO - RELATO DE CASO

Camila Teixeira Guimarães¹, Karen Vitória Santiago Caetano¹, Claudine Botelho¹, Sérgio Novais de Melo^{1*}

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras, Lavras, Minas Gerais, Brasil.

*Autor para correspondência – E-mail: sergiomelo@unilavras.edu.br

Shunt portossistêmico é uma anormalidade vascular congênita ou adquirida, intra ou extra-hepáticos, caracterizada pela anastomose que comunica a circulação portal diretamente para a circulação sistêmica. O sangue desviado do fígado carrega substâncias tóxicas e produtos metabólicos, causando uma encefalopatia hepática oriunda da insuficiência hepática. O presente resumo tem o objetivo de descrever um relato de caso shunt portossistêmico adquirido, confirmado através do exame de tomografia computadorizada (TC). Uma cadela, sem raça definida, de 3 anos de idade, de pelagem caramelo, 5,8Kg, foi encaminhada ao Hospital Veterinário do Centro Universitário de Lavras, na cidade de Lavras, Minas Gerais, no dia 25 de maio de 2021, com intensas crises epiléticas e sinais neurológicos. Ao exame clínico e físico a paciente apresentava alteração no estado mental, alteração dos sentidos, desvio lateral da cabeça, alterações na marcha, convulsões e fraqueza. Na ultrassonografia foram visualizados desvios vasculares em direção à veia cava caudal, com vasos anômalos e turbulentos, microhepatia, grande quantidade de sedimentos em vesícula urinária e presença de lama biliar. A TC identificou exatamente a localização desses vasos, apresentando achados tomográficos compatíveis com shunt adquirido (shunt esplenogonadal) e achados compatíveis com shunt de varizes frênicas. A TC é minimamente invasiva e é o exame de escolha para avaliar e visualizar a veia porta e tributárias após a aplicação do meio de contraste. Foi identificado biurato de amônio na urinálise, característico da degeneração hepática, e no tratamento terapêutico foram utilizados manitol, lactulose, levetiracetam, metronidazol e ração hepática para desintoxicação. Após 10 dias o animal apresentou melhora significativa, sendo fundamental o diagnóstico de shunt portossistêmico adquirido a fim de proporcionar qualidade de vida ao animal.

Palavras-chave: Shunt portossistêmico, tomografia computadorizada, vasos anômalos.

EXAME COMPLEMENTAR DE RADIOGRAFIA EM SHUNT PORTOSSISTÊMICO - RELATO DE CASO

Camila Teixeira Guimarães¹, Karen Vitória Santiago Caetano¹, Claudine Botelho¹, Sérgio Novais de Melo^{1*}

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras, Lavras, Minas Gerais, Brasil.

*Autor para correspondência – E-mail: sergiomelo@unilavras.edu.br

Desvio portossistêmico (DPs) ou Shunt portossistêmico é uma anomalia vascular que consiste de vasos anômalos que realizam a comunicação da circulação portal diretamente para a circulação sistêmica, sem realizar a drenagem do estômago, intestinos, pâncreas e baço. O shunt pode ser classificado como congênito ou adquirido, podendo ser intra ou extra-hepáticos. O sangue desviado do fígado carrega substâncias tóxicas ao corpo e, por consequência, causa uma encefalopatia hepática oriunda da insuficiência hepática, resultado da elaboração de falsos neurotransmissores. O presente resumo tem o objetivo de descrever um relato de caso de microhepatia causada pelo shunt portossistêmico. Uma cadela, sem raça definida, de 3 anos de idade, de pelagem caramelo, 5,8Kg, foi encaminhada ao Hospital Veterinário do Centro Universitário de Lavras, na cidade de Lavras, Minas Gerais, no dia 25 de maio de 2021. Ao exame clínico e físico a paciente apresentava intensas crises epiléticas e sinais neurológicos, sendo eles a alteração no estado mental, alteração dos sentidos, desvio lateral da cabeça, alterações na marcha, convulsões e fraqueza. Na radiografia torácica o animal apresentou microhepatia com deslocamento cranial e dilatação da veia cava caudal. Foi identificado biurato de amônio na urinálise, característico da degeneração hepática e no tratamento terapêutico foram utilizados manitol, lactulose, levetiracetam, metronidazol e ração hepática para desintoxicação. Após 10 dias a paciente apresentou melhora significativa, sendo fundamental toda triagem realizada a fim de proporcionar qualidade de vida ao animal. Os achados radiográficos de microhepatia com a dilatação da veia cava caudal são compatíveis com DPs.

Palavras-chave: Canino, raio-x, microhepatia hepática, *Shunt* portossistêmico.

ASPECTOS CLÍNICO-PATOLÓGICOS E EPIDEMIOLÓGICOS DE ESPOROTRICOSE EM FELINOS

Martha Talita Ferreira Mendes¹, Giulia Santos Divino¹, Ivam Moreira de Oliveira Junior^{1*}

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras, Lavras, MG, Brasil.

*Autor para correspondência – E-mail: ivamoliveira@unilavras.edu.br

A esporotricose é uma enfermidade fúngica zoonótica causada pelo *Sporothrix* sp. que acomete vários mamíferos, principalmente os felinos. Essa enfermidade pode ocorrer na forma cutânea, linfocutânea e extracutânea. O diagnóstico pode ser efetuado por meio de exame citológico, histopatológico ou cultivo fúngico, baseado, normalmente, em lesões cutâneas. O objetivo deste trabalho é descrever casos de esporotricose em felinos em condição de rua. Foram encaminhados pela Vigilância Sanitária da cidade de Lavras, sete felinos, machos, adultos, não castrados, sem raça definida, em condição de rua, no período de 31/03/2021 a 30/09/2021 para confirmação de esporotricose no Complexo de Clínicas Veterinárias do Centro Universitário de Lavras. Foi realizada análise citológica a partir *imprint* das lesões cutâneas, coradas em panótico rápido observadas ao microscópio de luz. Após a confirmação diagnóstica, dispôs-se pela realização da eutanásia dos animais, seguindo protocolo padrão e realizada necropsia, coletadas amostras de todos os órgãos em formol a 10% tamponado e processadas rotineiramente para histopatologia, bem como realizada coloração especial de Ácido Periódico de Schiff (PAS). Os gatos apresentaram escore corporal ruim (2/7), regular (3/7) e bom (2/7), mucosas pálidas (5/7), aumento de volume na região nasal (6/7), alopecia em região facial (1/7), miíase (1/7), placas ulceradas a crostosas sendo, circunscritas, eritematosas, circulares a ovaladas com exsudato serossanguinolento, localizadas na região do plano nasal (5/7), periocular (5/7), labial (5/7), face (5/7), tóraco-ventral (1/7), tóraco-dorsal (1/7), tóraco-lombar dorsal (1/7), cervical (1/7), membro torácico esquerdo (3/7), membro torácico direito (2/7), membro pélvico esquerdo (2/7), membro pélvico direito (2/7), orelha (3/7), cauda (1/7) e pênis (1/7). Nas amostras citológicas foram possíveis observar grandes quantidades de estruturas leveduriformes ovais a alongadas, compatíveis com *Sporothrix* sp., no citoplasma dos macrófagos. Nas avaliações histopatológicas também foram vistas as estruturas fúngicas no citoplasma dos macrófagos em derme e todas as amostras constatarem positivas para o PAS. As avaliações citológicas, histopatológicas e PAS mostraram-se fundamentais para caracterizar as lesões macroscópicas e diagnóstico de esporotricose encontradas nesses animais, auxiliando no controle dessa importante zoonose.

Palavras-chave: citologia, fungo, gatos.

ADENOMA DE RETE OVÁRICA EM CADELA

Gabriele Ione Anício de Oliveira Rosa¹, Anna Júlia Barbosa Brigagão¹, Samara Kelly Pereira Almeida¹, Ivam Moreira de Oliveira Júnior^{1*}

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras, Lavras, Minas Gerais, Brasil.

*Autor para correspondência – E-mail: ivamoliveira@unilavras.edu.br

O *rete ovarii* é uma estrutura embrionária vestigial, localizada no hilo e região medular ovariana de animais adultos. É originada de células mesonéfricas formando uma rede de túbulos anastomosados revestidos por epitélio cuboidal ou colunar. Os tumores de rete ovárica são comuns nos animais domésticos, sendo a forma cística mais predisposta em pequenos animais. O objetivo deste trabalho é relatar um caso de adenoma de rete ovárica em cadela. Foi encaminhado para o Setor de Patologia Veterinária do Complexo de Clínicas Veterinárias do Centro Universitário de Lavras, fragmentos de mamas, ovários e útero de uma cadela, Pinscher de 13 anos de idade. A proprietária relatou que um ano antes da cirurgia, a mesma apresentou nódulos mamários, sendo sugerido 2 mastectomias unilaterais. Na macroscopia, o ovário direito estava difusamente aumentado de volume, medindo 3cm de diâmetro, firme e brancacento na superfície e ao corte. O útero apresentava parede difusamente espessada e na glândula mamária havia nódulo de aproximadamente 1cm de diâmetro, firme e brancacento ao corte. Microscopicamente, no ovário, foi observada proliferação neoplásica de células epiteliais benignas bem diferenciadas. Havia discretas anisocitose e anisocariose, além de raras figuras de mitose. O citoplasma das células era acidofílico, bem delimitado e núcleo central arredondado. No útero foi observada proliferação de células epiteliais bem diferenciadas formando dilatações císticas (hiperplasia endometrial). O citoplasma das células era acidofílico, bem demarcado e núcleo central, arredondado a ovalado. Já na glândula mamária observou-se proliferação neoplásica de células epiteliais e mesenquimais benignas bem diferenciadas. A porção epitelial apresentava formação de túbulos. Continham discretas anisocitose, anisocariose e raras figuras de mitose. O citoplasma das células era acidofílico, bem delimitado e núcleo central, arredondado a ovalado. A porção mesenquimal era caracterizada por multiplicação mioepitelial com citoplasma anfófilico, discretas anisocitose e anisocariose, bem como raras figuras de mitose e núcleo central, arredondado a ovalado. Portanto, os dados obtidos foram importantes para o diagnóstico de adenoma de rete ovárica, hiperplasia endometrial e tumor misto benigno mamário. As alterações em útero e na glândula mamária ocorreram secundariamente a alteração em ovário, devido a alteração hormonal causada pela neoplasia.

Palavras-chave: tumor, ovário, *rete ovarii*, cadela.

LEIOMIOMA VAGINAL EM CADELA

Giulia Santos Divino¹, Martha Talita Ferreira Mendes¹, Claudine Botelho Abreu¹, Ivam Moreira de Oliveira Junior^{1*}

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras, Lavras, MG, Brasil.

*Autor para correspondência – E-mail: ivamoliveira@unilavras.edu.br

Leiomiomas são tumores benignos originários da musculatura lisa. Podem ocorrer em qualquer órgão que possua músculo liso, entretanto o útero e a vaginal são os locais mais comuns de serem observados. Os leiomiomas associados ao trato genital, em alguns casos, estão associados a produção de hormônios. O principal sinal clínico associado quando se encontra em região vulvar ou vaginal é o aumento de volume perineal devido a formação de massa, que possui crescimento lento, com pouca vascularização e cápsula. O fibroma é o principal diagnóstico diferencial dos leiomiomas, possuindo características de excesso de estroma de colágeno provenientes de tecido conjuntivo do trato genital feminino. O objetivo deste trabalho é relatar um caso de leiomioma vaginal em cadela. Foi encaminhado para necropsia no Setor de Patologia Veterinária do Complexo de Clínicas Veterinárias do Centro Universitário de Lavras um canino, fêmea, sem raça definida (SRD) em regular estado corporal. Realizou a necropsia do animal e coletou fragmentos de diversos órgãos em formol a 10% tamponado e processados rotineiramente para histopatologia. Na necropsia foram observados nódulos multifocais variando de 0,3 a 10cm de diâmetro, róseos e firmes que reduziavam o lúmen vaginal. Microscopicamente foi observada proliferação neoplásica de células musculares lisas benignas dispostas em diferentes direções. As células apresentavam discretas anisocitose e anisocariose. O citoplasma era amplo e acidofílico, com bordos indistintos e o núcleo apresenta-se arredondado a ovalado e raras figuras de mitose. Com base nos achados macro e microscópicos foi possível obter o diagnóstico definitivo.

Palavras-chave: Citologia, trato genital, Tumor Benigno.

MASTOCITOMA EM CADELA

Samuel Alves Castro¹, Fabiany Albany Neves Resende¹, Luiz Eduardo Duarte de Oliveira²,
Fernando Yoiti Kitamura Kawamoto¹, Ivam Moreira de Oliveira Junior^{1*}

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras, Lavras, MG, Brasil.

² Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil.

*Autor para correspondência – E-mail: ivamoliveira@unilavras.edu.br

O mastocitoma é uma neoplasia de origem de mastócitos, comumente encontrado na derme e tecido subcutâneo, podendo ocorrer também em glândula salivar, conjuntiva, cavidade oral e trato gastrointestinal. Em cães é uma das neoplasias mais frequentes de ocorrer. A graduação do tumor em I, II e III é de suma importância para avaliação prognóstica do caso. Este trabalho tem o objetivo de relatar a um caso de mastocitoma em cão. Foi atendida no Complexo de Clínicas Veterinárias do Unilavras uma cadela, Danchshund de 9 anos de idade com o histórico de nódulo na região perineal, durante a anamnese foi relatado pelo tutor o surgimento do tumor há cerca de seis meses e que havia ulcerado alguns dias antes da consulta. Ao realizar o exame físico foi observado uma massa firme no períneo, não aderido, ulcerado, medindo 5cm de diâmetro. Foi realizada citologia aspirativa por agulha fina (CAAF) onde foi possível observar mastócitos neoplásicos bem diferenciados com moderada anisocitose e anisocariose. O animal foi submetido a cirurgia para exérese do tumor que foi encaminhada para análise histológica. Microscopicamente foi possível observar proliferação neoplásica de mastócitos bem diferenciados contendo grânulos basofílicos dispostos em forma de cordões. Apresentavam anisocitose e anisocariose moderadas, com abundante estroma fibroso. Observou-se também eosinófilos bem diferenciados em meio aos mastócitos neoplásicos. Com base nos achados macro e microscópicos foi possível concluir o diagnóstico de mastocitoma grau II. A análise histológica é de grande importância para confirmar o diagnóstico preciso e precoce para que, assim, o tratamento possa ser feito de forma correta.

Palavras-chave: Mastócitos, cães, neoplasia.

POLITRAUMATISMO EM FELINO

Laura Gonçalves Nascimento¹, Isa Lúcia Sousa Resende¹, Ivam Moreira de Oliveira Junior^{1*}

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras, Lavras, MG, Brasil.

*Autor para correspondência - E-mail: ivamoliveira@unilavras.edu.br

Traumas são, por definição, quaisquer lesões teciduais que causem dano físico, como lacerações ou fraturas, que sejam causadas por acidentes ou atos de violência. É importante ressaltar que, uma das maiores causas de óbito em pequenos animais são os traumas sofridos por essas espécies, principalmente pelos indivíduos que vivem no ambiente urbano. A hérnia diafragmática traumática ocorre quando há ruptura do diafragma com consequente passagem de vísceras abdominais para o interior do tórax, sendo muito comum em animais que sofreram atropelamentos. O objetivo deste trabalho é descrever um caso de politraumatismo em um felino. Foi encaminhado para o Setor de Patologia Veterinária do Complexo de Clínicas Veterinárias do UNILAVRAS um felino, fêmea, jovem adulta, sem raça definida (SRD), castrada, de pelagem rajado e branco, com bom escore corporal. O animal foi encontrado morto na rua, portanto não tinha histórico. Na necropsia foram observadas hemorragias na lateral direita do tórax, entre as costelas C3 e C5 e, na lateral esquerda, entre C4 e C7. No antítmero esquerdo, ainda havia hérnia para região torácica direita restrita ao músculo reto abdominal, com intestino como conteúdo herniário, além de hérnia diafragmática extensa com parte do fígado, intestino e baço presentes na cavidade torácica. O fígado apresentava acentuação no padrão lobular e infartos multifocais, caracterizados por áreas arredondadas brancacentas em todos os lobos e o baço estava rompido. Ademais, o pulmão apresentava hemorragias multifocais. Ainda havia sangue coagulado na região epigástrica, próximo ao diafragma e linfonodos mesentéricos e cólicos com aumento de volume. Na vesícula urinária observou-se hemorragia focal. Com base nos achados macroscópicos, foi possível concluir que a causa da morte foi politraumatismo. Neste caso, o diagnóstico post-mortem se fez necessário para determinar a causa do óbito, uma vez que o animal não apresentava alterações externas, nem fraturas expostas.

Palavras-chave: gato, hérnia diafragmática, ruptura de baço.

CARBÚNCULO SINTOMÁTICO EM BEZERRA

Rilary de Oliveira Mapele¹, Ivan de Sousa Siqueira¹, Martha Talita Ferreira Mendes¹, Paula Cássia Farias Alves², Isadora Manoella Martins Alves², Ivam Moreira de Oliveira Junior^{1*}

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras, Lavras, MG, Brasil.

² Médica Veterinária autônoma, Lavras, MG, Brasil.

*Autor para correspondência – E-mail: ivamoliveira@unilavras.edu.br

O carbúnculo sintomático, conhecido popularmente como “manqueira” ou “mal de ano” é uma doença causada pelo patógeno *Clostridium chauvoei*, bactéria gram-positiva, anaeróbica formadora de esporos. Esse agente se caracteriza por sua toxicidade ao multiplicar-se na musculatura, causando miosite hemorrágica e, posteriormente, mionecrose. A doença normalmente ocorre em bovinos jovens e é responsável por morte nesses animais em todos os estados do Brasil. Embora haja vacina contra o carbúnculo sintomático desde 1930, ainda há surtos dessa afecção pelo Brasil que tem causado graves perdas econômicas para os criadores de bovinos. Este trabalho tem como objetivo apresentar um caso de carbúnculo sintomático em uma bezerra. Foi encaminhada para o Setor de Patologia Veterinária do Complexo de Clínicas Veterinárias do Centro Universitário de Lavras uma bezerra, holandesa preto e branco, de aproximadamente 6 meses de idade em bom escore corporal. Segundo o proprietário, o animal havia sido vacinado contra carbúnculo sintomático recentemente e estava aparentemente bem na tarde anterior, tendo, no dia seguinte, amanhecido morto sem lesões macroscópicas aparentes. No exame externo, observou grande crepitação desde a região cervical ao ísquio e aumento de volume, principalmente em região cervical e dos membros torácicos; ao corte, no tecido subcutâneo, havia extensas áreas de hemorragia, necrose e edema da região cervical ao ísquio, assim como, em membros torácicos, tal qual pélvicos. A musculatura apresentava-se vermelho escuro à amarronzado, enfisematosa, e com líquido serossanguinolento de odor rançoso. Os pulmões, por sua vez, apresentavam hemorragias multifocais e consolidação cranioventral; o coração apresentava-se difusamente vermelho escuro. Com base nos achados macroscópicos juntamente com o histórico do animal foi possível concluir o diagnóstico de carbúnculo sintomático.

Palavras-chave: clostridioses mionecrosantes, miosite, necropsia, *Clostridium chauvoei*.

TUMOR VENÉREO TRANSMISSÍVEL CANINO

Fabiany Albany Neves Resende¹, Samuel Alves Castro¹, Gustavo Luz Sales¹, Fernando Yoiti Kitamura Kawamoto¹, Mariana de Resende Coelho¹, Ivam Moreira de Oliveira Junior^{1*}

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras, Lavras, MG, Brasil.

*Autor para correspondência – E-mail: ivamoliveira@unilavras.edu.br

O tumor venéreo transmissível (TVT), uma neoplasia de células redondas transmitida por contato sexual, brigas ou até mesmo com a interação entre animais que são portadores. Essa neoplasia acomete principalmente a mucosa genital externa e raramente sofre metástase. Esse trabalho tem como objetivo relatar dois casos de tumor venéreo transmissível em cães. Foram enviadas amostras citológicas de dois animais no Complexo de Clínicas Veterinárias do Unilavras para confirmar a suspeita de TVT. A primeira amostra era de uma cadela, Husky Siberiano de 3 anos de idade com histórico de lesão ulcerativa em lábio vulvar, tecido granuloso e friável. Durante a coleta da citologia houve sangramento abundante. A segunda amostra era de um cão, SRD de porte grande e sua idade não foi informada, com histórico de aumento de volume na região de glândula bulbouretral que não permitia a exposição do pênis e apresentou abundante sangramento durante a coleta. Na análise citológica de ambos os animais foi observado grande quantidade de células redondas com moderado pleomorfismo. Os núcleos eram arredondados a ovalados, por vezes com nucléolos evidentes e raras figuras de mitose, o citoplasma era amplo, anfofílico e vacuolizados. Havia também pequena quantidade de neutrófilos e grande quantidade de hemácias. Com base nos achados macro e microscópicos pôde-se concluir o diagnóstico. A citologia foi de grande importância para confirmar o diagnóstico em ambos os casos para que assim, seja feito o tratamento de maneira correta.

Palavras-chave: TVT, cães, neoplasia.

BIURATO DE AMÔNIO NA URINA DE UM CÃO COM *SHUNT* PORTOSSISTÊMICO – RELATO DE CASO

Fabiany Albany Neves Resende^{1*}, Letícia Lara Giarola Silva¹, Camila Teixeira Guimarães¹, Sérgio Novais Melo¹, Fernando Yoiti Kitamura Kawamoto¹, Claudine Botelho de Abreu¹

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras, Lavras, MG, Brasil.

*Autor para correspondência – E-mail: fabianyresende4@gmail.com

Os cristais de biurato de amônio são excretados na urina quando há excesso de amônia circulante sendo filtrado pelos rins. Isso pode acontecer em situações fisiológicas, como em cães que excretam ácido úrico, que é o caso dos Dálmatas. Entretanto, condições patológicas, como o *shunt* portossistêmico, desvia o sangue do fígado para circulação sistêmica, prejudicando a conversão de amônia em ureia. Consequentemente, haverá excesso de excreção de amônia na urina dos animais, levando a formação de cristais de biurato de amônio. O paciente geralmente manifesta sinais neurológicos ou sistêmicos, devido às toxinas no sangue. O objetivo desse trabalho é relatar o caso de uma cadela com cristais de biurato de amônio na urina associados a *shunt* portossistêmico. Foi atendida em um Hospital Veterinário de ensino uma cadela, sem raça definida, de aproximadamente 2 anos de idade e com 5,8kg, apresentando sinais neurológicos sugestivos de encefalopatia hepática. Diante disso, foi solicitada urinálise da paciente. Para realização, foram coletados 10 ml de urina por meio de cistocentese. A amostra foi submetida aos exames físico, químico e do sedimento. O exame químico foi realizado com a utilização de fitas reagentes. Após a centrifugação da urina, o sedimento foi analisado em microscópio com objetiva de menor aumento (10x). Ao exame físico, a cor da urina era amarelo escuro, odor *sui generis*, aspecto ligeiramente turvo e a densidade 1,015. As fitas reagentes identificaram a presença de bilirrubina em quantidade discreta (+), sendo os demais parâmetros dentro da normalidade. Na análise do sedimento, foram observadas estruturas de coloração escura, formato arredondado e com pequenas protusões pontiagudas, compatíveis com cristais de biurato de amônio. Posteriormente, a cadela foi submetida a exames de ultrassonografia e tomografia abdominais, que confirmaram a presença do vaso anômalo. A urinálise é considerada um exame de triagem, pois fornece informações muito úteis sobre a condição sistêmica dos pacientes. No presente caso, as alterações na urina, como bilirrubina e cristais de biurato de amônio foram de extrema importância para auxiliar no diagnóstico de *shunt* portossistêmico.

Palavras-chave: urinálise, amônia, vaso anômalo.

TRAUMA CRANIOENCEFÁLICO EM FELINO - RELATO DE CASO

Luisa Faria Kyprianou^{1*}, Eduarda Soares Carvalho², João Vitor Fernandes Cotrim de Almeida³,
Marcos Ferrante⁴

¹ Curso de Medicina Veterinária na Universidade Federal de Lavras.

² Médica Veterinária na Clínica Veterinária Animals.

³ Doutorando em Ciências Veterinárias pela Universidade Federal de Lavras.

⁴ Professor Titular do Departamento de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Lavras.

*Autor para correspondência – E-mail: luisa.kyprianou@gmail.com

Em cães e gatos, o trauma cranioencefálico (TCE) ocorre por atropelamentos, quedas, ataques ou brigas, onde os traumas por compressão e esmagamento são os tipos com maior casuística em felinos. Os danos e as lesões resultantes desta condição ocorrem pela ação de forças mecânicas externas sobre o encéfalo e as estruturas que o cercam, podendo ser primárias ou secundárias. O presente trabalho teve como objetivo relatar o caso de um felino diagnosticado com trauma cranioencefálico. Foi atendido na Clínica Veterinária Animals, em Lavras (MG), uma gata, sem raça definida, de 2 anos de idade e pesando 3 kg, com histórico de atropelamento. Ao exame físico foram observados movimentos de pedalagem, estado de estupor, anisocoria, pressão arterial sistólica (PAS) de 60 mmHg, indicando hipotensão, ausência de reflexo interdígital e de resposta a estímulo doloroso. Por meio da anamnese, exame físico geral e neurológico, o paciente foi diagnosticado com TCE. Instituiu-se um protocolo emergencial durante a internação, com utilização de cloridrato de tramadol pela via intravenosa (IV), na dose de 2 mg/kg, duas vezes ao dia (BID), dipirona pela via subcutânea, na dose de 20 mg/kg, BID, e infusão IV contínua de manitol, na dose de 0,5 g/kg, durante 20 minutos e uma vez ao dia. Após 12 horas de internação os valores da PAS aumentaram para 110 mmHg, entretanto, durante a madrugada o animal apresentou uma parada cardiorrespiratória, e acabou indo a óbito. As lesões decorrentes de TCE, tratando-se de felinos, ocorrem em sua maioria por esmagamento. No caso relatado foi observada lesão por acidente automobilístico. O atendimento a um animal com suspeita ou diagnóstico de TCE é emergencial, devendo-se preconizar o ABCD do trauma, como foi realizado no relato em questão. Ademais, deve-se realizar o monitoramento da volemia e da saturação de oxigênio, e elevar a cabeça do paciente a 30° em relação ao corpo, a fim de que se reduza a pressão intracraniana. No trauma cranioencefálico é necessário realizar uma abordagem clínica emergencial, além de exame neurológico completo do animal. Além disso, o médico veterinário deve avaliar a necessidade de tratamento intensivo, a partir da gravidade do quadro clínico do paciente.

Palavras-chave: Trauma Cranioencefálico, Felino, Emergência clínica.

CORREÇÃO DE OTOHEMATOMA COM O USO DE BOTÕES EM CÃO – RELATO DE CASO

Letícia Guimarães Rego^{1*}, Adriana Brasil Ferreira Pinto¹

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras, Lavras, MG, Brasil.

*Autor para correspondência – E-mail: leticiacnec@hotmail.com

Otohematoma pode ser definido como um acúmulo de sangue entre a cartilagem auricular e a pele, em parte ou em todo o pavilhão auricular, sendo sua ocorrência comum em cães. Diante disso, muitos procedimentos clínicos e cirúrgicos vêm sendo descritos na literatura científica na tentativa de resolução dessa afecção, porém os resultados nem sempre são satisfatórios, causando prejuízos no tempo de reparação e na estética. O presente trabalho relata um caso de otohematoma persistente em um cão, atendido em uma clínica veterinária na cidade de Lavras – MG, com objetivo de discutir a utilização de botões como método cirúrgico corretivo. Um cão sem raça definida, com histórico de otite fúngica, chegou à clínica com edema auricular direito e balançando frequentemente a cabeça. A tutora relatou que o animal já havia apresentado outra tumefação como essa, na qual foi feita tentativa da drenagem do conteúdo e aplicação de depo medrol (40mg/kg), porém com recidiva em três dias. Diante disso, optou-se pelo método de colocação de botões na tentativa de resolução do caso. O animal foi então submetido ao procedimento anestésico, utilizando como medicação pré-anestésica a meperidina (50 mg/kg) e a acepromazina (2 mg/kg), via intramuscular. Após 15 minutos, o animal foi levado ao centro cirúrgico, recebeu propofol (10 mg/kg) via endovenosa, para indução anestésica e administração contínua de isoflurano, como manutenção anestésica. Foi feita antisepsia e drenagem do líquido por meio de incisão vertical no terço médio da face ventral do pavilhão auricular. Posteriormente, alocaram-se quatro botões na superfície dorsal da orelha e quatro botões na ventral. Através dos orifícios, foi feita sutura Donatti, com fio de náilon nº 0. Em seguida, toda a orelha foi contida sobre a cabeça do cão com auxílio de bandagem compressiva feita com faixa. Recomendou-se que o animal utilizasse colar elisabetano e prednisolona (1mg/kg). Conclui-se que o uso de botões se mostrou eficaz, promovendo uma diminuição no espaço ocupado pelo hematoma, prevenindo novo acúmulo de líquido e, até o presente momento, não houve recidivas.

Palavras-chave: cães, hematoma auricular, pina, escafa, orelha.

FRATURA COMINUTIVA DE ÚMERO CANINO TRATADO COM FIXADOR ESQUELÉTICO EXTERNO CONECTADO AO PINO INTRAMEDULAR “TIE-IN” – RELATO DE CASO

Letícia Guimarães Rego^{1*}, Adriana Brasil Ferreira Pinto²

¹ Acadêmica do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras, Lavras, MG, Brasil.

² Orientadora, Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras, Lavras, MG, Brasil.

*Autor para correspondência – E-mail: leticiacnec@hotmail.com

Na ortopedia veterinária, a associação entre fixador esquelético externo e um pino intramedular, conhecida como método tie-in, vem sendo muito utilizada em osteossíntese de úmero. Esta técnica apresenta superioridade biomecânica, principalmente em fraturas cominutivas, fraturas distais ou em ambas, quando comparada a outros métodos de estabilização. O presente trabalho tem como objetivo discutir a utilização e eficácia do método tie-in na estabilização e consolidação do úmero. Um cão SRD, macho, com 8 meses, chegou para atendimento após o tutor relatar que estava cortando a grama de sua fazenda com uma foice e, acidentalmente, acertar o animal, o que ocasionou uma laceração cutânea na região distal de úmero e na perda de apoio do membro. O animal foi imediatamente encaminhado para realização de exame radiográfico, que identificou fratura cominutiva em diáfise e epífise distal de úmero direito, com indicação de tratamento cirúrgico. No dia seguinte, o animal foi submetido ao protocolo anestésico. Foi realizada uma incisão cutânea que se estendeu distalmente do úmero até à tuberosidade do rádio. Os músculos braquiais foram rebatidos e o pino intramedular foi inserido a partir da face medial da epífise umeral distal até emergir pelo tubérculo maior do úmero. Foram identificados os fragmentos ósseos em região de diáfise e epífise distal de úmero, sendo reposicionados o mais próximo possível da anatomia umeral. Posteriormente, cinco pinos transcorticais foram aplicados ao longo do fragmento ósseo distal e proximal e, depois, utilizou-se resina acrílica auto polimerizante, interligando os pinos. A musculatura e subcutâneo foram suturadas utilizando o padrão simples contínuo com fio absorvível Vicryl número 2.0 e a pele com pontos simples utilizando o fio não absorvível Nylon 2.0. Após a cirurgia, o paciente foi submetido ao exame radiográfico para melhor visualização da imobilização. Confirmada a efetiva imobilização, gazes foram colocadas na interface dos pinos, embebidas com iodo povidine. Posteriormente, o fixador foi envolvido com bandagem feita com atadura de crepom. Conclui-se que o procedimento se mostrou eficaz, promovendo consolidação óssea e a volta do apoio do membro pelo animal.

Palavras-chave: cães, fraturas, ortopedia, cirurgia, imobilização.

URETEROCOLOANASTOMOSE EM CÃO COM CARCINOMA DE CÉLULAS TRANSICIONAIS (CCT) DE BEXIGA - RELATO DE CASO

Luana Costa Mancilha Dias¹, Lara Vilela Soares², Livia Mattar Bicalho Costa¹, Alexandre Souza Burque³, Hugo Shisei Toma², Cláudia Dias Monteiro Toma¹

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras, Lavras/MG, Brasil.

² Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Lavras, Lavras/MG, Brasil.

³ Médico Veterinário na Clínica Veterinária UNIVET, Lavras/MG, Brasil.

*Autor para correspondência – E-mail: claudiamonteiro@unilavras.edu.br

Os Carcinomas de células transicionais (CCTs) são considerados tumores malignos do sistema urinário, e acometem em sua maioria, a bexiga urinária. Eles surgem a partir de uma diferenciação das células transicionais do epitélio estratificado e é a neoplasia mais comum do sistema urinário de cães. Relatar o caso de uma cadela submetida à cistectomia radical e posterior ureterocoloanastomose devido a um carcinoma de células transicionais invasivo. Cadela, SRD, 12 anos de idade e 15 kg, foi encaminhada para o hospital veterinário, apresentando anúria, disúria e hematúria. Foram coletados exames laboratoriais (hemograma e bioquímica sérica), os quais apresentaram: trombocitopenia discreta e uremia. O exame ultrassonográfico evidenciou aumento do rim esquerdo, tendo como primeiro diagnóstico hidronefrose por obstrução do canal uretral. A conduta terapêutica escolhida foi nefrectomia. No decorrer do procedimento, observou-se que a vesícula urinária possuía dimensões alteradas (6,0x4,0x4,0 cm), e concluiu-se que a obstrução era devido a uma massa em região de trígono, ocupando a maior parte da mesma, sendo necessário a realização de uma cistectomia radical, associada à ureterocoloanastomose. Para isso, o cirurgião seguiu com dissecação dos ureteres e posterior avaliação do cólon, o qual foi exteriorizado e isolado, para evitar a contaminação fecal. Na porção onde seria feita a anastomose coloureteral bilateral foram colocadas duas pinças de Doyen, cranial e caudal a enterotomia, interrompendo o trânsito intestinal. Após a enterotomia, foi realizada a lavagem do lúmen intestinal, e foram feitos dois túneis onde foram introduzidos os ureteres, com auxílio de duas sondas uretrais para felinos, para maior firmeza, e posterior fixação com suturas simples interrompidas, com fio absorvível 5-0. A cadela apresentou algumas complicações no pós-cirúrgico e veio a óbito após uma semana. A anastomose coloureteral é a técnica utilizada com maior frequência para desvios urinários permanentes. Porém, a literatura demonstra que animais submetidos a esta técnica tem uma sobrevida relativamente curta. A técnica utilizada foi uma adaptação à técnica proposta na literatura.

Palavras-chave: Bexiga; Canino; Ureter; Carcinoma

EFICÁCIA DO TRATAMENTO CLÍNICO EM CADELA COM SHUNT PORTOSSISTÊMICO ADQUIRIDO - RELATO DE CASO

Letícia Lara Giarola Silva¹, Fabiany Albany Neves Resende¹, Thabata Roquini Cunha¹, Camila Teixeira Guimarães¹, Sérgio Novais de Melo^{1,2}, Claudine Botelho de Abreu^{2*}

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras, Lavras, MG, Brasil.

² Médico Veterinário, Mestrando, Universidade Federal de Lavras, Lavras, MG, Brasil.

*Autor para correspondência – E-mail: claudineabreu@unilavras.edu.br

Shunt portossistêmico ou desvio portossistêmico é o nome dado ao processo anômalo de anastomoses venosas que resulta no desvio do sangue portal para a circulação sistêmica. Consequentemente há comprometimento da detoxificação realizada pelo fígado, podendo levar a manifestação de encefalopatia hepática, sinais gastrintestinais e urinários. O diagnóstico é realizado por meio da ultrassonografia, tomografia computadorizada ou laparotomia exploratória. O desvio pode ser intra ou extra-hepático, congênito ou adquirido. Neste último não há indicação de correção cirúrgica do vaso anômalo. O animal deve receber tratamento clínico baseado na sintomatologia. Dessa maneira, o objetivo do presente trabalho é relatar a eficácia do tratamento clínico de uma cadela com *shunt* portossistêmico adquirido. Foi atendido em um Hospital Veterinário de ensino um animal da espécie canina, fêmea, sem raça definida (SRD), de aproximadamente 2 anos de idade, pesando 5,8Kg. O histórico era de convulsões e uso crônico de fenobarbital em dose abaixo da recomendada. Ao exame físico animal apresentou frequência cardíaca de 80bpm, frequência respiratória de 20mpm, mucosas normocoradas, tempo de preenchimento capilar (TPC) <2 e temperatura retal de 38°C. Foram realizados exames laboratoriais, como hemograma, análise bioquímica sérica (uréia, creatinina e ALT) e proteínas totais. No exame hematológico não houve alterações, na análise bioquímica constatou-se valores normais de creatinina (0,6mg/ dL) e uréia (39mg/ dL), aumento de ALT (363 UI/L) e proteínas totais também se manteve dentro da normalidade (5,5g/ dL). Na urinálise foi evidenciado presença de biurato de amônio. À ultrassonografia abdominal, foi confirmada a existência do vaso anômalo que, posteriormente, foi classificado como adquirido por meio de tomografia computadorizada e histopatologia. O tratamento, inicialmente, constituiu-se no ajuste da dose do fenobarbital (3mg/ Kg BID). Porém, não foi suficiente para cessar as convulsões, sendo substituído por levetiracetan (20 mg/ Kg IV TID). Além deste, também foram prescritos metronidazol (7,5 mg/ Kg IV BID), lactulona (oral) e ração hepática. A paciente encontra-se estável há quatro meses, sem recorrência dos sinais clínicos. A terapia instituída foi fundamental para estabilização do quadro, além de promover qualidade de vida ao animal.

Palavras-chave: encefalopatia hepática, cão, hepatopatias.

CILINDROS HIALINOS COMO DIAGNÓSTICO PRECOCE DE DOENÇA RENAL EM UM CÃO - RELATO DE CASO

Letícia Lara Giarola Silva¹, Fabiany Albany Neves Resende¹, Gésica Machado da Silva¹, Fernando Yoiti Kitamura Kawamoto¹, Mariana de Resende Coelho², Claudine Botelho de Abreu^{1*}

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras, Lavras, MG, Brasil.

² Médica Veterinária, Doutoranda, Universidade Federal de Lavras, Lavras, MG, Brasil.

* Autor para correspondência – E-mail: claudineabreu@unilavras.edu.br

A presença de cilindros na urina, chamada de cilindrúria, remete a agregação protéica em pH ácido dentro dos túbulos renais. Isso acontece quando há lesão tubular ativa ou glomerulonefrite que permite a passagem de proteínas. Há vários tipos de cilindros, sendo os de maior importância clínica, os granulados e céreos. Apesar de menos importante, os cilindros hialinos podem estar associados a condições, como, proteinúria, doença renal, febre ou congestão. Ao exame do sedimento por microscopia, eles são identificados como estruturas de formato cilíndrico e incolores. O objetivo deste trabalho é relatar a importância da urinálise para diagnóstico precoce de doença renal baseado na presença de cilindros hialinos em um cão. Foi atendido em um Hospital Veterinário de ensino um animal da espécie canina, macho, sem raça definida (SRD), com 2 anos de idade, pesando 21,6 Kg. O histórico era de desnutrição e presença de ectoparasitas. Ao exame físico, o animal apresentava frequência cardíaca de 84bpm, frequência respiratória de 36mpm, tempo de preenchimento capilar (TPC) <2, mucosas normocoradas, pulso coincidente, temperatura retal 39°C, linfonodos e hidratação normais. Foram realizados exames laboratoriais como hemograma, bioquímicos (ALT, FA, uréia e creatinina) e urinálise. A alteração evidenciada foi o aumento de creatinina sérica (2,5mg/ dL). Diante disso, realizou-se a cistocentese guiada por ultrassom para coleta de urina. Na urinálise, todos os parâmetros estavam dentro da normalidade. Entretanto, na avaliação microscópica do sedimento, foi constatada presença de cilindros hialinos. Estes foram associados à presença de doença renal, como fora observado pelo aumento da creatinina. A concentração sérica de ureia não se mostrou alterada, provavelmente pelo fato do cão não ser alimentado com níveis adequados de proteína, uma vez que este parâmetro é um metabólito resultante do metabolismo proteico. Embora o animal não apresentasse sinais clínicos de doença renal, ele demonstrou ter alterações em estágio inicial. As análises laboratoriais são essenciais para detectar precocemente desordens sutis, como observado nesse caso. O diagnóstico precoce permite a introdução de condutas terapêuticas, a fim de retardar a evolução da enfermidade, aumentando a expectativa e a qualidade de vida dos animais.

Palavras-chave: patologia clínica, urinálise, cilindrúria, doença renal.

BLOQUEIO ATRIOVENTRICULAR DE PRIMEIRO GRAU FUNCIONAL EM CÃO - RELATO DE DOIS CASOS

Isabela dos Santos Almeida¹, Maria Eugênia Bortone Viotti Bernardes¹, Livia Maísa Soares dos Santos¹, Mariana de Resende Coelho², Lucas Viana da Silva Santos¹, Claudine Botelho de Abreu^{1*}

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras, Lavras, Brasil

² Médica Veterinária do Complexo de Clínicas Veterinárias do Centro Universitário de Lavras, Lavras, Brasil

* Autor para correspondência - E-mail: claudineabreu@unilavras.edu.br

O bloqueio atrioventricular de primeiro grau (BAV-1) representa o atraso da passagem dos impulsos elétricos dos átrios para os ventrículos. Ao eletrocardiograma é caracterizado como aumento da duração do intervalo PR, sendo maior que 130ms em cães. O BAV-1 do tipo funcional acontece quando há maior ativação vagal, ou seja, é uma condição associada aos períodos de frequência cardíaca baixas manifestadas pelo animal. Portanto, esse tipo de arritmia cardíaca não é por lesão no sistema de condução, sendo considerada benigna e não culmina em sinais clínicos. Entretanto, faz-se importante quando o paciente for submetido a anestesia, podendo haver o agravamento das arritmias ou acentuação da bradicardia durante o procedimento. O presente estudo objetivou relatar dois casos de BAV-1 funcional em duas cadelas atendidas em um Hospital Veterinário de ensino. Para a realização do eletrocardiograma, os animais foram posicionados em decúbito lateral direito sobre mesa com material isolante. O registro eletrocardiográfico foi obtido por meio do sistema de 12 derivações modificado por Santilli (2019), durante 5 minutos, utilizando o eletrocardiógrafo digital InPulse®. Uma das pacientes era sem raça definida, tinha 7 anos de idade, 21kg, e havia sido diagnosticada anteriormente com degeneração valvar mitral e tricúspide leve, sem necessidade de medicação. Ao eletrocardiograma, seu ritmo dominante era arritmia sinusal com marcapasso migratório, sendo ainda observado parada sinusal, morfologia de onda P sugestiva de sobrecarga atrial esquerda e presença de BAV-1 com caráter funcional. A frequência cardíaca registrada foi de 83(50-133) bpm. A outra paciente, também sem raça definida, tinha 2 anos e 8,3kg, passou por avaliação pré-operatória para realizar tratamento periodontal. Durante a ausculta, foi identificado sopro sistólico em foco mitral. O exame eletrocardiográfico indicou a presença de arritmia sinusal, aumento na duração da onda P, sugerindo sobrecarga atrial esquerda, eixo cardíaco desviado à esquerda e BAV-1 funcional. A frequência cardíaca registrada foi de 105(80-447) bpm. Isso posto, conclui-se a importância do eletrocardiograma nas avaliações clínicas e pré-cirúrgicas, a fim de possibilitar a elaboração de um protocolo terapêutico/anestésico adequado para a condição do animal.

Palavras-chave: canino, arritmia cardíaca, bradicardia

ARTRODESE PARA CORREÇÃO DE LUXAÇÃO DA ARTICULAÇÃO TARSOMETATÁRSICA EM CÃO - RELATO DE CASO

Jessiane Lopes¹, Daniel Munhoz Garcia Perez Neto², Rafaela de Oliveira Cunha³,
Josyane Lopes⁴, Fernando Yoiti Kitamura Kawamoto^{1*}

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras, MG, Brasil.

² Doutorando em Ciências Veterinárias da Universidade Federal de Lavras, MG, Brasil.

³ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário do Sul de Minas, MG, Brasil.

⁴ Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Lavras, MG, Brasil.

* Autor para correspondência – E-mail: fernandokawamoto@unilavras.edu.br

Fraturas e luxações articulares em cães por acidente automobilístico ocorrem frequentemente na rotina das clínicas veterinárias. Quando regiões como tarso e metatarso são acometidos podem comprometer gravemente a integridade da articulação, necessitando de uma intervenção cirúrgica efetiva. Uma das técnicas é a artrodese que tem como finalidade estabilizar uma articulação definitivamente, com a fusão óssea ou articular. Descrever o caso de um cão com luxação tarsometatársica, tratado cirurgicamente com a técnica de artrodese. Foi atendido um animal da espécie canina, macho, raça Border Collie, seis meses, com cerca de 18 kg, em uma clínica veterinária em Lavras-MG com histórico de atropelamento. Foi realizado exame ultrassonográfico abdominal e descartado lesões em órgãos abdominais. No exame físico, observou-se sangramento e lesão lacerativa em dedo do membro pélvico esquerdo com instabilidade em articulação tibiotársica. Ao exame radiográfico constatou luxação tarsometatársica. Sob anestesia geral o paciente foi encaminhado para cirurgia, no qual foi realizado incisão da pele em abordagem cranial, os tendões extensores foram afastados lateralmente para obter exposição adequada. Logo após foi feito o desbridamento da cartilagem articular com drill de alta rotação e fresa esférica. De maneira cruzada, o primeiro pino foi anexado diagonalmente na base do quinto osso metatarso até o osso tarsal central. Já o segundo foi colocado na base do segundo osso metatarso até o quarto osso tarsal. No pós-operatório imediato foi recomendado protetor gástrico, analgésico e antiinflamatório e bandagem para estabilização. Posteriormente houve migração dos pinos e o mesmo procedimento foi realizado, porém, com pinos mais espessos. Foi receitado ansiolítico, para controle comportamental do paciente. O paciente ainda se encontra em tratamento e houve consolidação óssea em evolução satisfatória, com excelente apoio do membro. É indubitável a dificuldade em manter filhotes de raças de médio a grande porte em repouso durante o pós-operatório por serem muito agitados. No entanto, apesar desses desafios a artrodese parcial é um procedimento cirúrgico terapêutico efetivo em casos de luxação tarsometatársica, pois cessa a instabilidade da articulação mantendo as outras articulações do tornozelo viáveis e apresentando melhores resultados a longo prazo.

Palavras-chave: Procedimento, cartilagem, lesão, tarso.

LÚPUS EM CÃO - RELATO DE CASO

Bianca Silva Ribeiro^{1*}, Letícia Lara Giarola Silva¹, Mariana de Resende Coelho², Ivam Moreira de Oliveira Junior¹, Fernando Yoiti Kitamura Kawamoto¹, Claudine Botelho de Abreu¹

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras, Lavras/MG, Brasil

² Médica Veterinária, Complexo de Clínicas Veterinárias, Centro Universitário de Lavras, Lavras/MG, Brasil.

* Autor para correspondência - E-mail: claudineabreu@unilavras.edu.br

O lúpus é uma doença autoimune, causada por desordem do próprio sistema imunológico que reage contra as células da pele. A etiologia ainda é desconhecida. Porém, acredita-se que possa ser de origem multifatorial, sendo influenciada por radiação ultravioleta, uso de medicamentos, predisposição genética e distúrbios imunológicos, que irão levar à produção de anticorpos autorreativos. As dermatopatias autoimunes são incomuns em cães, com prevalência em torno de 0,3 a 1,4 %. Dessa maneira, o presente trabalho tem como objetivo relatar um caso de lúpus em cão. Foi atendido em um Hospital Veterinário de ensino, na cidade de Lavras, Minas Gerais, um animal da espécie canina, macho, sem raça definida (SRD), de aproximadamente 3 anos de idade e pesando 12 kg. O histórico era de emagrecimento progressivo e lesões cutâneas. Ao exame físico, foram observadas áreas de alopecia, crostas, ulcerações, despigmentação, pápulas e pústulas em plano nasal, orelhas, região periocular, extremidades de membros e cauda. Havia ainda acometimento de genitália, estomatite em palato duro, seborreia oleosa, prurido e linfadenomegalia generalizada. O exame citológico da pele revelou a presença de bactérias cocóides e a análise histopatológica foi condizente com lúpus. O tratamento consistiu na administração de cefalexina (30 mg/kg, VO, BID, 15 dias) e prednisona (1,5 mg/kg, VO, BID, até novas recomendações). Paciente ainda não havia sido reavaliado no momento da escrita desse relato. O prurido não é um sinal clínico do lúpus, sendo associado à piodermite secundária, no presente caso. Portanto, foi prescrito antibiótico, além da terapia imunossupressora com corticóide. Por se tratar de uma enfermidade incomum em cães, os exames complementares foram fundamentais para o diagnóstico e condução terapêutica.

Palavras-chave: autoimune, pele, multifatorial, histopatologia, corticoide.

DISCOPATIA POR EXTRUSÃO EM CÃO - RELATO DE CASO

Walter Araújo Ferreira¹, Camila Biihrer¹; Gabriela Micaele Teixeira¹, Fernando Yoiti Kitamura Kawamoto², Cláudia Dias Monteiro Toma², Claudine Botelho de Abreu³

¹Graduando, Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras, Lavras, MG, Brasil.

²Professor(a), Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras, Lavras, MG, Brasil.

³Professora Orientadora, Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras, Lavras, MG, Brasil.

* Autor para correspondência - E-mail: claudineabreu@unilavras.edu.br

A doença do disco intervertebral (DDIV) é a degeneração do disco medular podendo ser causada por extrusão (Hansen tipo I) ou protrusão (Hansen tipo II) do líquido pulposo discal para o interior do canal vertebral. Isso acarreta na compressão da medula espinhal em graus variados, levando à síndrome neurológica em cães. A terapêutica varia de tratamentos conservativos a procedimentos cirúrgicos. Esse trabalho tem como objetivo relatar um caso de DDIV em cão. Foi atendido em um Hospital Veterinário de ensino um cão, macho, da raça Pinscher, de 1 ano de idade, pesando 3 kg. A principal queixa relatada pela tutora foi a paraparesia dos membros pélvicos após o animal tentar subir no sofá. Ao exame físico, o paciente apresentou parâmetros fisiológicos dentro da normalidade. Durante inspeção, observou-se que não conseguia apoiar os membros pélvicos, havendo manifestação de dor na região toracolombar durante palpação dorsal da coluna. Foram administrados tramadol (4 mg/kg), dipirona (25 mg/kg) e meloxicam 0,2% (0,1 mg/kg), sendo estas mesmas medicações prescritas para casa e recomendado repouso absoluto. Ao retornar para reavaliação em 7 dias, o cão manteve paraparesia e apresentava cifose. A principal suspeita foi discopatia por extrusão. Foi recomendado que o animal fosse mantido em repouso absoluto por quatro semanas dentro da caixa de transporte, mantendo as medicações já prescritas associadas a omeprazol (5 mg/kg) e lactulona (0,7 ml). Houve melhora após tratamento conservativo. A doença do disco intervertebral é algo comum na clínica de pequenos animais podendo acometer cães e gatos de todas as idades. Contudo, nem sempre há necessidade de tratamento cirúrgico. Os animais podem viver bem e com qualidade de vida apenas com medicação e manejo adequados, sendo a atuação do tutor de fundamental importância para o sucesso terapêutico.

Palavras-chave: canino, doença do disco intervertebral, Hansen tipo I.

ESPOROTRICOSE EM FELINO DOMÉSTICO – RELATO DE CASO

Walter Araújo Ferreira¹, Amanda Carvalho Rosado Ferreira², Isaac David Pineda Sirias³,
Claudine Botelho de Abreu¹

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras, Lavras, MG, Brasil.

² Mestranda em Ciências Veterinárias, Universidade Federal de Lavras, Lavras, MG, Brasil.

³ Mestre em Ciências Veterinárias, Universidade Federal de Lavras, Lavras, MG, Brasil.

* Autor para correspondência - E-mail: claudineabreu@unilavras.edu.br

A esporotricose é uma zoonose micótica subcutânea causada pelo fungo *Sporothrix spp.* O fungo é encontrado naturalmente no solo, podendo ser contraído por humanos e animais na manipulação de terra ou plantas. Os gatos são mais propensos a exposição do agente etiológico por possuírem hábitos naturais, como afiar garras, escavar e encobrir seus dejetos. Além disso, eles facilmente se envolvem em brigas por território e práticas de acasalamento onde podem ocorrer mordeduras e arranhaduras, contribuindo para inoculação e transmissão do fungo. Esse trabalho tem por objetivo relatar um caso de esporotricose em gato. Foi realizado o atendimento à domicílio de um gato, macho, adulto, SRD, pesando 3,6 Kg. Durante a anamnese, o responsável relatou que o animal estava tendo dificuldades respiratórias. No exame físico, foi observado que o paciente apresentava dispneia, aumento de volume em região nasal, linfonodos mandibulares reativos e uma pequena lesão de pele na base da cauda. Demais parâmetros estavam dentro da normalidade. Foi realizada limpeza das narinas com solução fisiológica auxiliada por um cotonete, onde o mesmo demonstrou discreta secreção hemorrágica. Para tratamento domiciliar, foram prescritos amoxicilina com clavulanato de potássio (20mg/kg, via oral BID) e acetilcisteína (10mg/kg, via oral, BID) por 14 dias. Passado esse período, foi realizada reavaliação e o animal não apresentou melhora. Pelo contrário, ainda havia aumento de volume nasal, dispneia e a lesão na base da cauda com maiores extensões e ulcerações. Então, foi indicado cultura fúngica das lesões. Com a utilização de *swab*, coletou-se amostras das narinas e da pele. A cultura fúngica foi positiva para esporotricose. Dessa maneira, foi instituído o tratamento com itraconazol (100mg/gato, VO, SID) por 60 dias e spray de cetoconazol para a lesão de pele. Após 30 dias, o animal foi reavaliado e já apresentava melhoras das lesões e o quadro respiratório estava estabilizado. Em 60 dias, observou-se regressão total do quadro clínico, sendo mantido itraconazol por mais um mês. A realização da cultura fúngica é de extrema importância para o diagnóstico e tratamento precoces da esporotricose, auxiliando no controle da doença.

Palavras-chave: *Sporothrix*, gato, cultura fúngica.

RUPTURA DE SACO AÉREO EM PERIQUITO AUSTRALIANO *MELOPSITTACUS UNDULATUS* - RELATO DE CASO

Walter Araújo Ferreira¹, Paola de Cassia Gonçalves², Isaac Madeira Lage¹, Nelson Henrique de Almeida Curi^{1*}

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras, Lavras/MG, Brasil.

² Médica Veterinária autônoma, Lavras/MG, Brasil.

* Autor para correspondência - E-mail: nelsoncuri@unilavras.edu.br

As aves possuem estruturas ligadas aos pulmões chamadas de sacos aéreos, cujas funções vão desde auxiliar na termorregulação das aves ao auxílio da alta demanda metabólica durante os voos. O sistema respiratório das aves é um dos mais complexos do mundo animal e extremamente eficiente, e os sacos aéreos contribuem de forma essencial para a fisiologia respiratória. A ruptura de qualquer saco aéreo pode ocorrer espontaneamente, ou por traumas e brigas, é um problema clínico relativamente comum, urgente, e necessita de intervenção. Este trabalho tem como objetivo relatar um caso de ruptura de saco aéreo em um periquito australiano (*Melopsittacus undulatus*). Foi atendido no Complexo de Clínicas Veterinárias do UNILAVRAS um periquito australiano (*Melopsittacus undulatus*), fêmea, com aproximadamente 8 meses de idade, pesando 40g. A principal queixa relatada foi a postura irregular do animal (pescoço penduloso). No exame físico a ave apresentou parâmetros normais, exceto pela alteração postural. Durante a inspeção, observou-se um aumento de volume caracterizado como enfisema subcutâneo próximo a região cervical, e na palpação identificou-se que o enfisema estava localizado na altura do saco aéreo cervical direito, sendo o quadro sugestivo de ruptura do mesmo. O tratamento instituído foi a drenagem do ar com uma cânula de cateter 0,7x19mm (24G; amarela), a fim de estimular o esvaziamento e a regeneração da estrutura. Foi administrado meloxicam 0,1mg/kg via IM (musculatura peitoral) *sid* por 5 dias. Além disso, recomendou-se deixar o animal isolado em gaiola menor, a fim de evitar movimentação excessiva e auxiliar na recuperação. Após três semanas a ave voltou a sua postura normal, e o enfisema subcutâneo desapareceu completamente. A ruptura de saco aéreo é muito prejudicial à saúde das aves, principalmente pela dor e limitação do voo, sendo assim de extrema importância a rápida intervenção. Apesar de a literatura indicar a drenagem repetida ou a manutenção de um dreno para a redução do enfisema, o protocolo envolvendo a drenagem única do enfisema subcutâneo, o isolamento da ave e a administração de anti-inflamatório não esteroide e analgésico (meloxicam) se mostrou eficiente para a resolução do quadro clínico.

Palavras-chave: ave, medicina aviária, pets exóticos, psitacídeo, saco aéreo.

ARRITMIAS VENTRICULARES ASSOCIADAS A DOR EM CÃO COM LUXAÇÃO COXOFEMORAL – RELATO DE CASO

Aline Dias de Melo¹; Emília Barbosa Santos Amaral¹; Layra Flavia Placedino da Silva¹; Mariana de Resende Coelho²; Fernando Yoiti Kitamura Kawamoto¹; Claudine Botelho de Abreu¹

¹ Curso Medicina Veterinária, Centro Universitário de Lavras, Lavras/MG, Brasil.

² Complexo de Clínicas Veterinárias, Centro Universitário de Lavras, Lavras/MG, Brasil.

*Autor para correspondência – E-mail: claudineabreu@unilavras.edu.br

As arritmias ventriculares geralmente são caracterizadas por complexos QRS de morfologia alargada e bizarra ao eletrocardiograma. Elas podem ser secundárias a alterações estruturais do miocárdio ou a estímulo adrenérgico acentuado em pacientes que estão sob algum tipo de estresse. O objetivo desse trabalho é relatar o caso de uma cadela com arritmias ventriculares associada a dor devido à luxação coxofemoral. Foi atendida em um Hospital Veterinário de ensino, um animal da espécie canina, fêmea, da raça American Bully, não castrada, de 1 ano de idade para avaliação pré-cirúrgica. Durante a avaliação clínica e realização dos exames pré-operatórios, a médica veterinária detectou a presença de arritmia cardíaca. Solicitou-se, então, a realização de eletrocardiograma. Para realização do mesmo, a paciente foi mantida em decúbito lateral direito sobre mesa com material isolante. O registro eletrocardiográfico foi obtido pelo sistema de 12 derivações modificado por Santilli (2019) durante cinco minutos, utilizando o eletrocardiógrafo digital Inpulse[®]. Foram observados nove complexos ventriculares pré-maturos polimórficos sugerindo origem em ventrículo direito. Foi recomendada a realização de exame ecocardiográfico, onde não foi observada nenhuma alteração. Após 23 dias da realização do primeiro exame eletrocardiográfico, a cadela foi submetida a cirurgia para correção da luxação coxofemoral. O procedimento foi bem-sucedido, não havendo nenhuma intercorrência. Após três e oito meses da cirurgia, foram realizados outros eletrocardiogramas, nos quais não havia mais arritmias. Devido às condições clínicas apresentadas pela paciente, conclui-se que a presença dos complexos ventriculares detectados no primeiro exame era proveniente da dor, que desencadeou estímulo adrenérgico sobre o sistema de condução elétrico do coração.

Palavras-chave: canina, adrenalina, eletrocardiograma

INTOXICAÇÃO POR PARACETAMOL EM FELINO

Isa Lúcia Sousa Resende¹, Gabriela Rotatori Alvim²

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras, Lavras/MG, Brasil.

² Médica Veterinária Residente área de Clínica Médica de Animais de Companhia pela Universidade Federal de Lavras, Lavras/MG, Brasil.

*Autor para correspondência – E-mail: isacxc@hotmail.com

A intoxicação por anti-inflamatórios não esteroidais, geralmente ocorre quando tutores bem-intencionados, não cientes dos riscos envolvidos, administram esses fármacos para seus animais sem orientação veterinária, dentre esses, o Paracetamol, está constantemente envolvido nos casos de intoxicação em gatos. Essa toxicidade é gerada devido a característica dos felinos de deficiência da enzima glicoruniltransferase e capacidade limitada da via de sulfatação no processo de conjugação do fármaco, resultando no acúmulo do metabólito NAPQI (N-acetil-para-benzoquinoneímia), que causa lesão hepática e estresse oxidativo de hemácias, culminando em meta-hemoglobinemia, formação de Corpúsculo de Heinz, anemia hemolítica e hipóxia celular. Relatar o caso de um felino que veio a óbito devido intoxicação por paracetamol. Foi atendido na Universidade Federal de Lavras, um gato macho, dois anos de idade, com histórico de fuga por 3 dias, que ao retornar para casa encontrava-se apático. A tutora mencionou ter administrado paracetamol 250mg por 3 dias para o animal sem orientação veterinária. Devido a piora do animal, a tutora encaminhou seu felino para a consulta. No exame clínico, o animal apresentava letargia, mucosas perláceas, taquipneia, desidratação de 10%, temperatura retal de 34°C e hipotensão. Foi realizado exames complementares, o hemograma constatou anisocitose em eritrócitos e plaquetas, presença de corpúsculos de Heinz, leucocitose por neutrofilia e linfopenia, no exame bioquímico, aumento das enzimas ALT e AST, sugerindo acometimento hepático. O paciente foi submetido a oxigenoterapia, fluidoterapia e aquecimento corporal, após sua estabilização foi administrado N-acetil-cisteína, que atua como precursor da glutathione e diminui a meia vida do paracetamol, carvão ativado, ácido ascórbico para redução da meta-hemoglobinemia, cimetina que inibe a via de oxidação e SAME para diminuir a toxicidade hepática. A desidratação do felino foi corrigida, mas ele persistiu apático, com oscilações de temperatura, taquipneia, dispneia e foi a óbito. Na necropsia foi observado bom estado nutricional, mucosas cianóticas, congestão de tecidos moles, presença de úlceras em estômago, petéquias em epicárdio e avermelhamento de medula óssea. O paracetamol apresenta alto potencial tóxico aos felinos, portanto não deve ser administrado a essa espécie. Dessa maneira, torna-se fundamental que os médicos veterinários informem os tutores para não medicarem seus animais sem orientação veterinária.

Palavras-chave: intoxicação, paracetamol, felinos

AVALIAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DAS INTOXICAÇÕES POR IVERMECTINA EM FELINOS NOS ÚLTIMOS 10 ANOS

Maristela Aparecida Oliveira Dias^{1*}, Luana Carla Rodrigues Bernardes¹, Laura Gaspar Scaldaferrri¹, Marcos Ferrante¹, Claudia Dias Monteiro Toma², Hugo Shisei Toma¹

¹ Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Lavras - UFLA, Lavras/MG, Brasil.

² Curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário de Lavras, Lavras-MG, Brasil.

*Autora para correspondência – E-mail: maristela.dias1@estudante.ufla.br

A ivermectina é um antiparasitário, da classe das lactonas macrocíclicas, indicado comumente no tratamento de ectoparasitoses, sendo utilizada com certa frequência na clínica médica de felinos em quadros de sarnas e otites. Casos de intoxicações em felinos, geralmente, ocorrem em ambiente domiciliar devido o uso equivocado de fármacos destinados para grandes animais. Este trabalho tem como objetivo identificar e correlacionar as variáveis que influenciam na ocorrência dos quadros clínicos de intoxicação por ivermectina em felinos, a partir do levantamento bibliográfico dos casos descritos em literatura científica nos últimos 10 anos. Os dados coletados foram agrupados em tabelas no Excel e analisados comparativamente quanto à idade dos animais, escore corporal, sinais clínicos apresentados e terapêutica empregada. Por ser um fármaco agonista dos receptores GABA que, nos mamíferos domésticos, localizam-se no sistema nervoso central, a ivermectina provoca quadros de intoxicações em felinos que cursam, predominantemente, com sinais neurológicos e oculares, tais como ataxia, incoordenação motora, alteração de marcha, tremores musculares, fasciculação, ausência de resposta à ameaça e midríase. A idade é um importante fator a ser considerado para ocorrência de intoxicações, visto que animais jovens tem metabolização hepática ineficiente e a barreira hematoencefálica ainda está em formação, facilitando a passagem de substâncias para o sistema nervoso central. Dentre os casos analisados, 100% dos filhotes desenvolveram quadro de intoxicação grave; dentre os adultos 41,6% foram assintomáticos, 25% desenvolveram quadro leve, 16,7% quadro moderado e apenas 16,7% quadro grave. Quanto ao escore corporal, foi possível identificar que os felinos com escore corporal alto ou mediano foram menos afetados por sobredosagens, o que se justifica pelo fato da ivermectina ser altamente lipofílica, acumulando-se no tecido adiposo e reduzindo as chances de intoxicação. Atualmente, não há fármacos reversores da ivermectina disponíveis comercialmente e, portanto, a terapia é sintomática visando minimizar os sinais clínicos e reestabelecer as funções fisiológicas do paciente. Deste modo, é importante ressaltar que a intoxicação por ivermectina deve sempre ser considerada diagnóstico diferencial de afecções neurológicas em felinos e a prescrição deste fármaco deve ser pautada na análise individual do paciente seguindo as doses recomendadas pela literatura com o intuito de prevenir quadros tóxicos.

Palavras-chave: gato doméstico, toxicologia, neurologia, avermectinas.

AMPUTAÇÃO PARCIAL DE MEMBRO TORÁCICO EM CÃO COM MEMBRO CONTRALATERAL AMPUTADO - RELATO DE CASO

Gustavo Luz Sales¹, Kelly Beatriz de Oliveira¹, Gabriela Pereira Souza¹, Ivam Moreira de Oliveira Júnior¹, Fernando Yoiti Kitamura Kawamoto^{1*}

¹Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras, Lavras/MG, Brasil.

*Autor para correspondência – E-mail: fernandokawamoto@unilavras.edu.br

São comuns na rotina cirúrgica procedimentos para correção de lesões traumáticas em cães, especialmente de rua, decorrentes de atropelamentos. Normalmente, os traumas contusos podem resultar em fraturas expostas e tendem a desenvolver complicações como miíases e infecções bacterianas, caso não sejam abordados de forma adequada. O objetivo deste trabalho é relatar o caso de um cão submetido a procedimento cirúrgico com prognóstico desfavorável em relação ao retorno funcional, devido a presença de outras comorbidades. Foi atendido no Complexo de Clínicas Veterinárias do Unilavras, um cão, SRD, macho, aproximadamente 10 anos e 11kg. O paciente foi resgatado e apresentava o MTE amputado, ausência das falanges e lesão em metacarpo do MTD com exposição óssea, presença de miíase, secreção purulenta e tecido necrótico. Além disso, constatou-se escore corporal abaixo do ideal, desidratação, IRA, anemia, edema escrotal, malasseziose, ferida aberta em resquício do MTE, aumento de volume em região de glândulas bulbouretrais e próstata. Internado por dois dias para estabilização com fluidoterapia, cefalotina, tramadol e manejo da ferida. O paciente foi classificado como ASA III. A medicação pré-anestésica utilizada foi meperidina (5 mg/kg/IM), indução anestésica com propofol (5 mg/kg/IV) e manutenção com mistura de isoflurano e oxigênio. Efetuou-se bloqueio local em anel com lidocaína 2% (2mg/kg) e administrou-se cefalotina (30 mg/kg/IV). O procedimento cirúrgico consistiu na amputação de porção distal de MTD com desarticulação carpo metacárpica, bem como orquiectomia com ablação de escroto. A analgesia pós-operatória imediata foi composta por meloxicam (0,1 mg/kg/SC), tramadol (4 mg/kg/IV) e dipirona (25 mg/kg/IV). No pós-operatório recomendou-se cefalexina, limpeza da ferida cirúrgica e troca do curativo duas vezes ao dia com pomada Vetaglos[®]. O tratamento da ferida aberta no lado esquerdo procedeu-se com pomada à base de penicilina e açúcar cristal. O paciente recebeu alta cirúrgica em dez dias. Foi mantido sob acompanhamento para tratamento das comorbidades clínicas. Após cerca de três semanas da cirurgia começou a deambular de forma independente, apoiando-se no carpo do MTD, cujas extremidades encontram-se totalmente queratinizadas. O paciente foi adotado e está em boas condições clínicas. Estuda-se a possibilidade de confecção de uma órtese em impressora 3D.

Palavras-chave: Amputação, desarticulação carpo metacárpica.

PROSTATITE E TUMOR VENÉREO TRANSMISSÍVEL EM CÃO ERRANTE - RELATO DE CASO

Kelly Beatriz de Oliveira¹, Gustavo Luz Sales¹, Maria Cristina Amarante Botelho², Sérgio Novais de Melo¹, Claudine Botelho de Abreu^{1*}

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras, Lavras/MG, Brasil.

² Médica Veterinária, Prefeitura Municipal de Lavras, Lavras/MG, Brasil.

*Autor para correspondência – E-mail: claudineabreu@unilavras.edu.br

Animais errantes podem apresentar diversas alterações clínicas, devido à ausência de manejo e às condições adversas a que são submetidos no ambiente. Dentre elas encontram-se o tumor venéreo transmissível (TVT), uma neoplasia de caráter contagioso, que tem sua origem etiológica ainda desconhecida. Sua transmissão geralmente acontece por meio de contato sexual, já que muitos desses animais não são castrados. Além disso, a falta de esterilização pode culminar no desenvolvimento de prostatite em cães machos quando se tornam idosos. O objetivo desse trabalho é relatar o caso de um cão errante acometido por prostatite e TVT. Foi atendido em um Hospital Veterinário de ensino um cão, sem raça definida, macho, de aproximadamente 10 anos e 11kg. O paciente foi resgatado e apresentava escore corporal abaixo do ideal (2/9), desidratação e aumento de volume em região escrotal e glândulas bulbouretrais. Os exames laboratoriais evidenciaram a presença de injúria renal aguda. Ao exame ultrassonográfico foi observado aumento das dimensões da próstata com ecogenicidade heterogênea e presença de cistos, além de linfonodo ilíaco medial aumentado e com ecogenicidade diminuída. Por meio de punção aspirativa por agulha fina guiada por ultrassom, coletou-se amostra das glândulas bulbouretrais. Na análise citológica, foi verificada a presença de células neoplásicas compatíveis com TVT. Após estabilização, o animal foi submetido à orquiectomia e quimioterapia à base de sulfato de vincristina (0,025mg/kg, IV, a cada 7 dias). Foi acompanhado por hemograma semanalmente até atingir seis sessões, quando recebeu alta clínica devido à remissão do tumor. A injúria renal aguda apresentada pelo paciente era pós-renal, secundária à prostatite. O aumento de volume da glândula comprime a uretra e impede a excreção de urina. A esterilização é de fundamental importância para o controle populacional e bem-estar de animais errantes, prevenindo o desenvolvimento de doenças.

Palavras-chave: Esterilização, quimioterapia, próstata, bulbouretrais, citologia.

DISPLASIA RENAL EM CÃO DA RAÇA SHIH TZU - RELATO DE CASO

Lívia Mattar Bicalho Costa¹, Ana Luiza Barros Oliveira¹, Luana Costa Mancilha Dias¹, Gabrielle Mercês Silveira Marques Ferreira², Claudine Botelho de Abreu¹

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras, Lavras/MG, Brasil.

² Médica Veterinária na Clínica Veterinária PETS LIFE, Oliveira/MG, Brasil.

*Autor para correspondência – E-mail: claudineabreu@unilavras.edu.br

A displasia renal é uma patologia originalmente hereditária e/ou congênita, definida por desorganização do parênquima, que resulta na insuficiência do órgão. Acomete principalmente animais jovens e algumas raças são mais predispostas, como ShihTzu. O objetivo desse trabalho é relatar o caso de um cão da raça ShihTzu acometido por displasia renal. Foi atendido em uma clínica veterinária na cidade de Oliveira/MG, um cão da raça ShihTzu, não castrado, de 1 ano e 4 meses de idade, pesando 3,8kg. O animal apresentava diarreia de consistência pastosa com muco e sangue, anorexia, tremores, êmese, polidipsia e dor abdominal à palpação. No hemograma, foi observada alteração, como anemia acentuada (Hemoglobina: 5,8g/dL; Hematócrito: 14,3%) e leucopenia por neutropenia. Já no perfil bioquímico, havia aumento significativo nas concentrações séricas de creatinina (6,9 mg/dL) e ALT: Alanina Aminotransferase (102 U/L), indicando a presença de insuficiência renal. Ao exame ultrassonográfico, foi evidenciado hipotrofia de ambos os rins, com perda da definição córtico-medular e hiperecogenicidade do parênquima, sugerindo nefropatia bilateral em estágio avançado, tendo como principal diagnóstico diferencial a displasia renal. Após a realização dos exames, o paciente foi submetido a tratamento sintomático. Inicialmente foi realizada transfusão sanguínea para correção da anemia e, logo após, fluidoterapia para minimizar os sinais clínicos decorrentes da azotemia. O fluido de escolha foi o Ringer lactato na taxa de 5 ml/kg/h. Também foram administrados omeprazol (1 mg/kg, via oral, SID), ondansetrona (0,5mg/kg, IV, TID), sucralfato (0,5 g/animal, via oral, TID), vitaminas do complexo B (Bio New® 0,2 mL/kg, via IV diluído em soro), complexo vitamínico-mineral (Hemolitan® 25mg/kg, via oral, BID) e eritropoetina (Alfapoetina® 50-100 UI/kg, via subcutânea, q. 2 dias). Entretanto, o prognóstico do animal era desfavorável, evoluindo a óbito após 12 dias de tratamento. O diagnóstico padrão ouro para a displasia renal em cães é associado ao histórico, sinais clínicos, exames laboratoriais e achados patológicos por meio de biopsia ou necropsia. Contudo, no presente caso, não foi possível realizar a biopsia, devido ao estado crítico do animal. Além disso, o tutor também não autorizou a necropsia.

Palavras-chave: canino, insuficiência renal, doença congênita.

ANÁLISE DA QUALIDADE MICROBIOLÓGICA DO QUEIJO MINAS ARTESANAL PRODUZIDO A PARTIR DE LEITE CRU EM UM ESTABELECIMENTO DO MUNICÍPIO DE LAVRAS-MG

Rayssa Clara Ferreira da Purificação¹, Kiyoko Uemura Utiumi², Ziara Aparecida Isaú², Claudia Dias Monteiro Toma^{1*}

¹ Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Lavras, Lavras/MG, Brasil.

² Médica Veterinária do Serviço de Inspeção Municipal de Lavras, Lavras/MG, Brasil.

*Autor para correspondência – E-mail: claudiamonteiro@unilavras.edu.br

A produção do queijo minas artesanal traz consigo um importante papel nos âmbitos social, econômico e cultural do estado de Minas Gerais e, também do Brasil. Em virtude do amplo consumo deste produto, torna-se necessário o monitoramento e inspeção ao longo de sua cadeia produtiva, visto que, é um queijo produzido a partir de leite cru e com diferentes meios de processamento. Por esse motivo, é importante o controle de possíveis patógenos através de análises microbiológicas e preservação do período mínimo de maturação; isso garantirá que chegue até a mesa do consumidor produtos livres de riscos à saúde. Analisar as características microbiológicas apresentadas por amostra de queijo minas artesanal produzido a partir do leite cru. Foi coletada uma amostra de queijo minas artesanal de um estabelecimento localizado no município de Lavras-MG. Analisaram-se características microbiológicas do queijo, dando ênfase na presença de coliformes à 30°C, de coliformes à 45°C, de Estafilococos coagulase positivo, de *Listeria monocytogenes*, e de *Salmonella* spp. Para as análises, foi respeitado um período de 45 dias de maturação, uma vez que o prazo desse processo interfere nas comunidades microbianas e pode alterar o sabor, aroma, textura, além do controle de patógenos. Diante das análises microbiológicas avaliadas, os resultados atenderam aos valores de referência conforme os ensaios estabelecidos pela legislação vigente. Em outras palavras, a amostra respeitou aos parâmetros da legislação e se mostrou em conformidade perante sua qualidade microbiológica. Os índices microbiológicos encontrados evidenciaram as condições adequadas para consumo. A utilização de leite cru para a fabricação do queijo minas artesanal é um fator de risco para a segurança do produto, e por isso, é necessário se atentar a qualidade microbiológica, às condições higiênico-sanitárias e ao período mínimo de maturação. O compromisso com a segurança alimentar envolve desde a sanidade do rebanho até a embalagem e expedição do produto final.

Palavras-chave: queijo minas artesanal, segurança alimentar, patógenos alimentares, qualidade microbiológica.